

REFORMADOR

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEUS, CRISTO E CARIDADE
SETEMBRO, 1997 ANO 115 Nº 2.022

Fundador: Augusto Elias da Silva

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO
BRASILEIRA

ESPÍRITA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL: feb@febrasil.org.br

Editorial - Defesa do Patrimônio Doutrinário	2
Uma Era Nova - Juvanir Borges de Souza	3
Gratidão - Hernani T. Sant'Anna	6
Dúvidas - Richard Simonetti	8
Acusações contra Paulo - José Jorge	10
Exercitando o Evangelho - Não Julgar - Inaldo Lacerda Lima	11
FEB/CFN - Reunião em Brasília em novembro de 1997	15
A FEB e o Esperanto - Há 90 Anos...	16
O Universo é constituído de Vida - Ney da Silva Pinheiro	17
Esflorando o Evangelho - Inconstantes - Emmanuel	22
COSME MARIÑO - Sesquicentenário de Nascimento - Affonso Soares	23
Os Recursos Humanos e as Atividades da Casa Espírita - Xerxes Pessoa de Luna	27
Atividades Administrativas do Centro Espírita	29
Revogação da Obrigatoriedade do Desmembramento das Entidades Filantrópicas de Cunho Religioso - Gerson Simões Monteiro	30
FEB - Conselho Federativo Nacional - Comissões Regionais - Reunião Ordinária da Comissão Regional Norte	32
Curso de Preparação de Evangelizadores da Infância e da Juventude	35
A farsa dos julgamentos de Jesus - Washington Luiz Nogueira Fernandes	36
70 Anos da Mediunidade de Chico Xavier	49
SEARA ESPÍRITA - FATOS EM NOTÍCIA	50

NOTA: "Ilustrou a capa de REFORMADOR, de fevereiro do corrente ano, o livro "Os Caminhos do Amor", de autoria de Dalva Silva Souza, que sugere o modo de agir para tornar mais presente e efetivo na vida humana o sentimento construtivo do amor, incluindo aí a importante atuação da Mulher, já agora em 2ª edição, e com nova capa, é esse mesmo livro que ilustra neste mês a nossa revista.

Editorial

Defesa do Patrimônio Doutrinário

A proteção dos direitos autorais vem da Idade Moderna. Consagrou-se em 1710 com a criação do copyright, ou direito de reprodução, lei da rainha Ana, da Grã-Bretanha, base do amparo das atividades intelectuais dos autores nos países anglo-americanos.

Na França, os direitos de autor foram protegidos antes da Revolução Francesa.

Depois, alastrou-se a proteção do autor pelos países da Europa e da América, concebendo-se esse direito como “a mais sagrada de todas as propriedades”.

Concomitantemente, no campo internacional, esses direitos foram objeto de tutela especial, consubstanciada na Convenção de Berna, assinada em 1886.

Depois desse importante convênio multilateral, outros foram assinados, sempre objetivando a defesa da propriedade intelectual.

O Brasil aderiu bem cedo à Convenção de Berna, assim como a outros convênios internacionais. O grande marco legislativo sobre os direitos autorais surge, entre nós, com o Código Civil Brasileiro (1916), que trata “da propriedade literária, científica e artística”, nos seus artigos 649 a 673.

Essa pequena digressão mostra que as leis humanas buscam, há quase três séculos, proteger os direitos de autor contra múltiplos abusos.

Desses direitos decorrem muitas conseqüências de suma importância, não somente para os autores, seus herdeiros e sucessores, mas, de forma geral, para as sociedades humanas, para as gerações que se sucedem.

As obras literárias, científicas, filosóficas, religiosas, artísticas, culturais, precisam ser preservadas, não somente pelo seu valor econômico, mas, sobretudo, por representar parcelas do patrimônio ético, moral e intelectual de toda a Humanidade.

A Doutrina Espírita não pode prescindir da defesa de seus princípios, inscritos nas obras da Codificação. Seus desdobramentos em inúmeras outras obras complementares e subsidiárias também não podem ser usados e utilizados sem o respeito que se deve ao autor ou titular dos direitos protegidos pela legislação, sob pena de se estabelecer o caos, em proveito de eventuais aproveitadores.

Por isso é que o Movimento Espírita, em defesa desse patrimônio doutrinário, precisa estar atento contra as tentativas daqueles que, por inobservância de princípios éticos, por indiferença aos procedimentos honrados e dignos, ou por mera ignorância atingem aquele patrimônio comum às gerações que se sucedem.

Sem esse cuidado especial, essa defesa permanente da ética, que as leis das nações e os tratados internacionais procuram preservar, o patrimônio doutrinário espírita estará ameaçado pelas contrafações e deturpações de toda ordem, como já tem ocorrido com as próprias obras de Allan Kardec.

-//-

Uma Era Nova

Juvanir Borges de Souza

○ Consolador inaugura “uma era nova para a Humanidade”. Em seu âmago estão os sinais evidentes de um novo tempo, um avanço considerável do conhecimento humano, reunindo e reafirmando verdades antigas, ao lado de revelações novas advindas do Mundo Espiritual Superior.

A nova era não é caracterizada simplesmente pela crença na existência dos Espíritos. A comprovação da realidade do mundo invisível, reafirmada de forma irretorquível pelo Espiritismo, nos tempos atuais, já fora constatada também pelo homem antigo que viveu no seio de velhas civilizações, muitas das quais desaparecidas. Diversos cultos religiosos têm sua origem na manifestação dos seres espirituais.

A força extraordinária da Doutrina dos Espíritos assenta-se não só nas verdades novas decorrentes dos conhecimentos desvendados, mas igualmente na insuperável moral evangélica da mensagem do Cristo. Essas duas colunas de sustentação estão em perfeita sintonia.

Daí não compreendermos a razão que leva alguns espiritistas descuidados a enveredarem pela negação do que há de mais essencial na Doutrina Espírita, justamente seu caráter religioso, claramente deduzido de toda a Codificação, a partir da primeira questão inserta no seu livro básico.

Allan Kardec, o mais autêntico intérprete da doutrina por ele sistematizada, esforçou-se enormemente para que não pairasse dúvida sobre sua índole, seu caráter, sua unidade.

Ao mesmo tempo que deixou patente que o Espiritismo não participava da natureza dos diversos cultos religiosos existentes - as religiões organizadas em instituições humanas, com seus dogmas, crenças, teologia, sacerdócio e práticas exteriores - esclareceu que, nesse sentido, a Doutrina não era uma religião.

Mas, como religião, dentro da pobreza da linguagem dos homens, é também, no seu conceito mais amplo, o sublime sentimento da busca de Deus e a aspiração permanente da perfeição, tal como transparece na Doutrina de Jesus revivida nos Evangelhos, na interpretação dos Espíritos Superiores, não há como separar o que se acha intimamente vinculado. O Espiritismo é sem dúvida, a Religião, em sentido filosófico.

Conhecimento da realidade espiritual e aquisição e prática das virtudes evangélicas, eis a síntese religiosa do Espiritismo, para a qual contribuem, como sua sustentação, a verdadeira Ciência e as deduções filosóficas fundadas nas verdades reveladas.

Quando os Espíritos instrutores assentaram a Nova Revelação nos princípios morais ensinados pelo Cristo lançaram, **ipso facto**, as bases religiosas da novel doutrina, como conseqüências morais irrecusáveis de uma ciência espiritual e de uma filosofia novas.

Portanto, Espiritismo despojado de seu caráter religioso perde sua índole, sua razão de ser, sua utilidade maior, sua riqueza de doutrina consoladora que tem por finalidade a redenção humana, aproximando o homem de seu criador.

As verdades fundamentais da verdadeira Religião, não das religiões em seus aspectos formais e acepção comum, estão contidas nos ensinamentos de Jesus, revividos pelo Espiritismo. A observância dos preceitos evangélicos, na interpretação nova, é para os espíritas sinceros, a vivência da Religião.

Há uma unidade doutrinária no tripé em que se assenta a Nova Revelação. Essa unidade ficará fatalmente comprometida se suprimida qualquer de suas partes componentes, uma vez que a Ciência e a Filosofia Espíritas são os fundamentos das conseqüências morais,

coincidentes com a mensagem de Jesus. A homogeneidade dos três aspectos responde pela unidade final.

O Consolador prometido e enviado, encerrando a mensagem crística, interpretando-a em seu sentido essencialmente espiritual, traz aos homens a seiva divina da verdadeira Religião, na qual as verdades parciais ensinadas pelas religiões são separadas das superstições, do dogmatismo pernicioso, do exclusivismo sem nexos e das criações puramente humanas.

Com que objetivo se apresenta o Espiritismo no mundo, identificado como o Consolador prometido? Seria simplesmente o de revelar aos homens o mundo invisível? Ou de tornar patente a possibilidade de comunicação entre “mortos” e vivos? Ou ainda o de trazer o conhecimento de leis naturais estabelecidas por Deus, diante das quais o homem pode perceber sua verdadeira natureza?

Sem dúvida que ele responde afirmativamente a todas essas indagações, mas vai muito além delas, propondo-se a indicar à Humanidade o caminho de sua redenção, roteiro que passa pelo Cristo de Deus e sua doutrina de amor.

Vamos colocar uma vez mais diante dos espiritistas que enveredaram pelas trilhas de qualquer das modalidades do **espiritismo independente**, ou seja do cientificismo, do espiritismo sem Jesus, dos pretensos revisores da Doutrina e de quantos mais que, de boa ou de má-fé, deixam de atentar na abrangência e na unidade da Codificação, a página seguinte, inserida em “O Livro dos Médiuns”, Capítulo XXIX, nº 350, de autoria de Allan Kardec:

“Se o Espiritismo, conforme foi anunciado tem que determinar a transformação da Humanidade, claro é que esse efeito ele só poderá produzir melhorando as massas, o que se verificará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não faz que aquele que a tem se torne melhor, mais benigno e indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e paciente na adversidade? De que serve ao avarento ser espírita, se continua avarento; ao orgulhoso, se conserva cheio de si; ao invejoso, se permanece dominado pela inveja? Assim, poderiam todos os homens acreditar nas manifestações dos Espíritos e a Humanidade ficar estacionária. Tais, porém, não são os desígnios de Deus. Para o objetivo providencial, portanto, é que devem tender todas as Sociedades espíritas sérias, grupando todos os que se achem animados dos mesmos sentimentos. Então, haverá união entre elas, simpatia, fraternidade, em vez de vão e pueril antagonismo, nascido do amor-próprio, mais de palavras do que de fatos; então, elas serão fortes e poderosas, porque assentarão em inabalável alicerce: o bem para todos; - então, serão respeitadas e imporão silêncio à zombaria tola, *porque falarão em nome da moral evangélica, que todos respeitam.*

Essa a estrada pela qual temos procurado com esforço fazer que o Espiritismo enverede. A bandeira que desfraldamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual já temos a ventura de ver, em todas as partes do globo, congregados tantos homens, por compreenderem que aí é que está a âncora de salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a Humanidade.” (O primeiro destaque é nosso; o segundo é do original.)

Como se observa, o pensamento do Codificador está claro e expresso no sentido de que:

- o Espiritismo se propõe a transformar a Humanidade, gradual e paulatinamente, através da reeducação dos indivíduos;
- a simples crença na existência dos Espíritos e na sua comunicação com os homens não torna melhor aquele que a aceita e pratica o intercâmbio;
- os desígnios da Providência Divina são a simpatia, os sentimentos fraternos entre indivíduos e instituições, entre si, visando ao bem de todos;
- a **moral evangélica** é o ponto comum que todos respeitam;

- é essa (a moral evangélica) a estrada que ele, Codificador, tem procurado indicar ao Espiritismo;
- a bandeira desfraldada por ele, Codificador, é a do **Espiritismo cristão e humanitário**;
- o Espiritismo cristão e humanitário é a âncora e o sinal de uma era nova para a Humanidade.

Não poderia ser mais justa e convincente a palavra do Codificador.

Não somente reconhece a necessidade de ligar os conhecimentos da Nova Revelação, por ele recebida, à moral evangélica, vale dizer à mensagem de Jesus, mas também proclama que essa é a estrada para a redenção da Humanidade.

Ao lado de sua opinião serena e sincera, produto de trabalho sério e inspirado, como o intermediário entre o Plano Espiritual Superior e os homens, coloca todo seu empenho para que os seguidores da novel doutrina não se confundam, não se dispersem, antes se mantenham unidos sob a bandeira do Espiritismo Cristão.

Convida todas as Sociedades espíritas a “colaborar nessa grande obra”:

“Que de um extremo ao outro do mundo elas se estendam fraternalmente as mãos e eis que terão colhido o mal em inextricáveis malhas.”

O Movimento Espírita desenvolvido nas terras do Cruzeiro do Sul soube ser fiel ao pensamento do grande missionário lionês, cultivando o Espiritismo Cristão desde a fundação das primeiras sociedades espíritas na segunda metade do século passado.

Nos primórdios desse Movimento não faltaram sensibilidade e boa vontade aos discípulos de Allan Kardec no Brasil, os quais, fiéis à inspiração superior, souberam repelir o cientificismo exclusivista e deformante da Doutrina Codificada.

União entre os adeptos e segurança nos rumos traçados foram os sinais pelos quais os desbravadores da primeira hora mostraram a perfeita consonância das diretrizes do Movimento brasileiro com o pensamento do Codificador.

Esses característicos subsistem, para gáudio de todos nós e respondem pela pujança de nosso Movimento, respeitado em todo o mundo espírita.

(Transcrito de REFORMADOR, de abril de 1989.)

-//-

Gratidão

Hernani T. Sant'Anna

Muitos existem entre nós que não cuidam de considerar que o nosso Pai Divino não nos ensina, ajuda e protege apenas através dos seus áulicos sublimes ou dos Espíritos desencarnados que velam dedicadamente por nós, no silêncio das grandes afeições. Esquecem, por isso, de valorizar e agradecer os benefícios que recebem dos seus companheiros de jornada humana, portadores, muitas vezes, de auxílios divinos, providenciais e salvadores. Mas seria imperdoável desapeço não honrarmos nossos pais terrenos, os amigos dedicados a quem devemos devotamento e carinho, os braços que nos ampararam, os mestres que nos atenderam e os irmãos que dividiram conosco o afeto e o pão.

Quando passo em revista as lembranças dos meus setenta anos, comovo-me ao recordar a infinidade de auxílios que recebi de muita gente que passou na minha vida e me beneficiou de alguma forma, com carinho ou rispidez, com amizade ou sem ela. De muitos não posso ter memória, mas de outros não me esqueço. Pessoas humildes me tocaram o coração, gente poderosa foi gentil comigo. Sou grato a cada uma delas, pelo bem que me fizeram. Mas há algumas a quem reservo lugares de honra na galeria dos meus afetos mais profundos. É claro que nessa galeria estão familiares queridos e pessoas amigas de mais íntimo convívio. Mas não é a elas que desejo reportar-me nestas notas, e sim a algumas personalidades que foram fundamentais na minha atual jornada humana.

DIAMANTINO SÁ é uma delas. Fundador e presidente do Centro Espírita Amaral Ornellas, discípulo fervoroso de Manuel Quintão e cultor abnegado do Evangelho, foi um pioneiro da educação espírita da infância e da juventude. Verdadeiro padrão de dignidade moral, chefe de família exemplar e servidor dedicado dos ideais cristãos, foi ele quem instalou em sua instituição o primeiro núcleo carioca de moços espíritas. Deu-me nova família e enrijou-me o caráter.

O doutor ANTÔNIO WANTUIL DE FREITAS foi o grande presidente que me abriu as portas da venerável Federação Espírita Brasileira e as de sua própria residência familiar. Recebia-me afetosamente em seu escritório-biblioteca, para memoráveis conversas de instrução e amizade, que se estendiam por longas horas, noite a dentro. Publicou em REFORMADOR os meus primeiros trabalhos e editou o meu primeiro livro.

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER foi para mim um refúgio de carinho e benquerença, um porto seguro, bússola e reconforto, amigo, mestre e irmão. Deu-me a alegria de fruir de sua preciosa intimidade. Psicografou para mim sublimes mensagens de Ornellas e Emmanuel. Preparou, sem que eu soubesse, os originais e o prefácio do meu primeiro livro. Marcou-me para sempre.

FRANCISCO THIESEN, o inesquecível presidente da Federação Espírita Brasileira, foi uma luz solar na minha vida. Reencontrá-lo neste mundo foi reviver com ele, em nível mais alto e produtivo, antigos laços da mais pura afeição. Nossa convivência foi sempre estimulante e prazerosa, na dignidade dos mais altanados sentimentos. Ele me levou de volta à FEB, fez de mim seu conselheiro e confidente, conduziu-me ao Conselho Superior e ao Grupo Ismael, relevou-me as deficiências, prestigiou-me a colaboração, publicou meus trabalhos e editou o mais importante dos meus livros. Estivemos em contato até poucas horas antes do seu regresso ao mundo espiritual, e a saudade dele, desde então, jamais me abandonou.

O doutor GILSON DE MENDONÇA HENRIQUES, emérito fundador do Centro Espírita Fraternidade Allan Kardec e líder incontestado de várias gerações de espiritistas do centro-oeste brasileiro, zelou por mim com os desvelos de um pai. Conduziu-me com segurança pelos caminhos

da atuação profissional e da prática do Mediunismo responsável. Integrou-me nos círculos íntimos da sua família admirável e projetou-me nos amplos horizontes da sua profícua atividade social. Foi-me orientador esclarecido, guia condescendente, sereno e confiável. Alçado aos seus ombros de gigante, vi mais alto e mais longe.

Numerosos amigos providenciais foram esteios luminosos em minha humana peregrinação. Não posso nomeá-los todos, mas é justo que destaque os médicos apostolares Sérgio Thiesen, João de Aguiar Pupo Neto e José Geraldo Loures Pereira, que evitaram que a minha permanência neste mundo se encurtasse; o meu tio Guilherme, que me assumiu na ausência do meu falecido pai e foi o arrimo que me garantiu sobrevivência e instrução; os meus companheiros de juventude espírita, Américo e Célia Luz, Arnaldo e Lenice Campos, Alberto Gama, Agadyr Torres, Célia Carvalho, Heitor e Luíza Cardoso; o dileto e saudoso Jomar Ferreira da Silva; o presidente Juvanir Borges de Souza, o cientista Humberto Rangel e o inesquecível Armando Sander. Nem posso omitir aqui a pessoa a quem devo mais que a todas, minha NILDA, que, além de esposa, foi sempre minha filha, minha mãe, enfermeira e irmã, amiga e companheira, aluna e mestra, meu sal e minha luz.

Todas as pessoas têm, certamente, muito o que agradecer a muita gente. Reconheço, porém, que recebi demais, sem tanto merecer, da Providência Divina. Sou, por isso, imensamente grato, como devem ser todos aqueles que sabem perceber a manifestação divina no coração e nos braços humanos de quem ampara e serve, semeando amor nos caminhos do mundo.

-//-

DÚVIDAS

Richard Simonetti

- *Se o passista não está bem joga coisa ruim sobre quem recebe o passe?*
- *Explicando que nossos males e dificuldades representam o pagamento de dívidas, o princípio da reencarnação não faz a gente desistir de lutar para melhorar de vida?*
- *Se a Doutrina Espírita é do século passado, como podem os espíritas dizer que os discípulos de Jesus aceitavam a reencarnação?*
- *Encontrarei meus familiares quando morrer?*
- *Japonês pode reencarnar como negro africano?*
- *O Mundo vai acabar em 2000?*
- *Há um horário certo para nos comunicarmos com nosso anjo de guarda?*
- *Que oração devo usar para fazer as pazes com meu namorado?*
- *Por que os espíritas evocam os Espíritos, contrariando a proibição de Moisés?*
- *Como podemos encontrar nossa alma gêmea?*
- *O demônio se manifesta no Centro Espírita?*
- *As pessoas más reencarnam como animais?*

Selecionei estas perguntas dentre centenas, formuladas pelo público, no Centro Espírita, em reuniões onde se oferece essa possibilidade.

Diga-se de passagem que esse pinga-fogo é muito oportuno. Desde que tenhamos alguém em condições de responder, os resultados são excelentes. Há maior interesse e as pessoas podem desfazer suas dúvidas. É mais produtivo que as palestras, onde nem sempre o expositor aborda o que realmente interessa aos ouvintes.

Mas o que ressalta na amostragem apresentada é a pouca familiaridade com a Doutrina Espírita por parte daqueles que comparecem às reuniões públicas.

Trata-se de algo perfeitamente compreensível.

A grande maioria é composta de adeptos de outras religiões que procuram cura para seus males e solução para seus problemas, encaminhados por amigo ou familiar.

Comportam-se exatamente como quem vai a um hospital. Estão ali para tratamento, sem intenção de estabelecer vínculos.

Alguns acabam por interessar-se, tornam-se assíduos, estudam a Doutrina e se integram no Centro.

Muitos seguem seu caminho, atendendo a dois fatores:

Sararam.

Afastam-se porque não precisam mais de tratamento.

Não sararam.

Afastam-se porque desejam encontrar um Centro “mais forte” ou algo semelhante.

Seguem também porque não foram suficientemente motivados. Não lhes passaram uma mensagem atraente, esclarecedora, com conteúdo capaz de despertar e sustentar o desejo de aprender.

Há carência de expositores espíritas eficientes, mesmo porque não temos especialistas que vivam desse trabalho.

O expositor espírita é aquele cidadão de boa vontade que faz malabarismos para participar do Centro e ao mesmo tempo atender seus compromissos familiares e profissionais.

E há um problema adicional, que envolve companheiros mais bem dotados intelectualmente, com uma atividade profissional que lhes exigiu o desenvolvimento de valores culturais. Não raro encasquetam de estudar nas reuniões públicas livros da Codificação ou complementares que devem ser reservados a grupos de estudo metodizado.

Há expositores que abordam as novidades no setor literário sobre esoterismo, psicologia, terapias alternativas, auto-ajuda, anjo e quejando... É tudo muito interessante, mas não tem nada a ver com uma reunião pública de Espiritismo, **onde as pessoas devem receber noções elementares da Doutrina**. Nelas, freqüentadas por neófitos, gente que está chegando, que não sabe nada de Espiritismo, o ideal seria comentar “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Ninguém aprende a ler sem conhecer o elementar - as letras do alfabeto.

“O Livro dos Espíritos” é o bê-á-bá do Espiritismo. Eu não diria a primeira leitura, porque poucas pessoas têm familiaridade com os livros. Quem não está habituado a compulsá-los terá dificuldades. Mas, da mesma forma que a professora não entrega o manual de alfabetização à criança iletrada ler, mas trata de usá-lo para ensinar seus pupilos, o expositor tem nessa síntese filosófica da Doutrina todo um precioso roteiro para seus comentários.

Isso não implica, obviamente, não recomendar a leitura de “O Livro dos Espíritos” ou outra obra básica aos iniciantes. Mas é preciso cuidado. Segundo pesquisas, apenas 10% da população brasileira lê um livro anualmente. Quem pouco lê terá dificuldade com os livros de Kardec. Não são compêndios impenetráveis aos não iniciados, mas foram escritos no século passado, em linguagem que dificilmente motivará quem não está habituado a excursionar pelo mundo encantado dos livros.

Preferível oferecer, num primeiro momento, obras mais simples, que envolvam histórias, romances, mensagens, que facilitam a atenção. A literatura fabulosa de Chico Xavier é pródiga em livros dessa natureza.

Quanto a “O Evangelho segundo o Espiritismo”, é aquela indispensável base moral, o remédio de que mais carecem as pessoas, já que seus males são decorrentes do comportamento irregular, distanciado das normas do bem viver explicitadas em suas páginas.

Muitos vêm nessa obra básica uma espécie de amuleto que deve estar sempre à mão nos momentos difíceis, para leituras mágicas capazes de atrair a proteção divina e resolver os problemas. As pessoas não entenderam ainda que sua magia está no roteiro que nos oferece, consagrando a moral de Jesus como o mais legítimo recurso de renovação e de solução de nossos problemas.

O comentário das lições de Jesus, à luz de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, em reuniões públicas, produz palestras consoladoras e atraentes, que motivam o ouvinte e o ajudam a superar suas dúvidas.

Um recado final para os companheiros que fazem uso da palavra nas reuniões públicas:

As pessoas que comparecem em busca de cura para seus males não têm “cabeça” para fixar a atenção por muito tempo, em face de seus problemas e perturbações.

As palestras, por isso, enfocando “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho segundo o Espiritismo”, devem ser breves, no máximo 25 minutos, num somatório de 50 para toda a reunião, enxertando-se histórias e fatos do dia-a-dia, que prendem a atenção e permitem ao ouvinte entender os conceitos doutrinários e aplicá-los à própria vida.

Se desenvolvermos nosso trabalho com a eficiência de quem se prepara convenientemente, então nossos ouvintes, que num primeiro momento procuraram um hospital no Centro Espírita, descobrirão, encantados, que ele é uma abençoada escola de espiritualidade.

-//-

Acusações contra Paulo

José Jorge

Foram muitas as acusações contra Paulo:

1- Perturbador

“Estes homens perturbam a nossa cidade (...). “ (Atos, 16:20.)

2- Revoltoso contra Roma

“(…) propagando costumes que não podemos receber nem praticar porque somos romanos.”
(Atos, 16:21.)

3- Contra Moisés

“(…) informados a teu respeito que ensinas todos os judeus entre os gentios a apostatarem de Moisés (...).” (Atos, 21:21.)

4- Contra o povo

“Este é o homem que por toda parte ensina todos a ser contra o povo, contra a lei e contra este lugar, (...).” (Atos, 21:28.)

5- Profanador

“(…) introduziu até grupos no templo e profanou este recinto sagrado.”(Atos 21:28 e 26:6.)

6- É uma peste

“Este homem é uma peste (...).” (Atos, 24:5.)

7- Seditioso

“(…) promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo (...).” (Atos, 24.5.)

8- Agitador

“(…) sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos.” (Atos, 24.5.)

Entretanto, Paulo era ordeiro e disciplinado:

“Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus, e as autoridades que existem foram por ele instituídas.

De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação.

Porque os magistrados não são para temor quando se faz o bem, e sim, quando se faz o mal (...). Faze o bem, e terás louvor dela; visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem.

Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal.

É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do temor da punição, mas também do dever de consciência.

Por esse motivo também pagais tributos: porque são ministros de Deus, atendendo constantemente a este serviço.

Pagai a todos o que lhes é devido: a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra. “(Romanos, 13:1-7.)

-//-

EXERCITANDO O EVANGELHO

NÃO JULGAR

Inaldo Lacerda Lima

“Não julgueis, a fim de não serdes julgados; porquanto sereis julgados conforme houverdes julgado os outros; com a medida com que medirdes sereis medido.” Jesus. (MATEUS, 7:1-2.)

Julgarmo-nos uns aos outros tem-se constituído um forte hábito através dos tempos. Tal hábito encontra-se registrado na história da Humanidade, no seio de todos os povos e na utilização de todos os idiomas. Ressalta-se, ainda, na obra de todos os poetas antigos e modernos, desde Homero a Shakespeare, e sobreleva-se nos autores contemporâneos.

A ação de julgar é consequência natural da ação de raciocinar. E decorre de dois fatores: discordar e refletir. Por isso que os seres irracionais não julgam, pois lhes falta a razão: desenvolvem apenas o instinto, que não lhes permite pensar.

É verdade que o instinto, por evolução, se transformará futuramente em inteligência, pois constitui a base ou fundamento dela, depois da grande e sublime metamorfose ou nascimento espiritual.

Antes desse nascimento, deverá o *ser* passar por estado de depuração, em que precisará perder a “lembrança” instintiva de suas relações com a matéria, em que o irracional aprendia a distinguir determinadas coisas, como o melhor meio para a sua sobrevivência, a melhor água para beber, o alimento que melhor lhe conviesse, etc. E isso já se nos afigura uma forma incipiente de juízo, em determinadas espécies animais.

A ação de julgar é, portanto, inerente ao *ser* já a partir do instante em que se fez Espírito dotado da razão e com a faculdade de conhecer e de compreender o meio que o cerca, o que o torna inteligente e capaz de pensar.

Julgar é, pois, uma ação natural, normal e imprescindível no Espírito, encarnado ou desencarnado, do que podemos concluir que o Cristo não nos nega o direito de julgar e sim nos adverte contra o julgamento impróprio ou irresponsável, a censura injusta ou leviana a respeito dos outros.

O Espírito é dotado de cinco faculdades essenciais e fundamentais à sua condição de *ser* ou ente criado à imagem e semelhança de Deus. São elas:

1. Inteligência - condição de entender, conhecer e compreender o ambiente que o cerca ou meio em que vive e onde precisa desenvolver-se; tal faculdade lhe oferece ainda a percepção relativamente fácil das coisas.

2. Razão - condição que lhe outorga o poder de aprofundar-se no conhecimento das coisas, compreender determinados fatos, discernir, perquirir e, com a utilização da inteligência, criar e inventar.

3. Juízo - faculdade intelectual de manter-se cuidadosamente dentro de determinados limites de sua própria capacidade de auto-avaliação ou critério a respeito do que lhe for dado examinar.

4. Livre-arbítrio - poder de se autodeterminar.

5. Consciência - sentimento do que se passa no indivíduo, em seu íntimo e em sua natureza; é testemunha e ao mesmo tempo juiz incorruptível e severíssimo da própria alma, que aprova as boas atitudes e rejeita as más.

Na ocasião em que Jesus se expressou sobre a ação de julgar, o homem israelita ignorava essas coisas do ponto de vista filosófico. Era dotado de todas essas faculdades mas

as desconhecia como potências da alma que se interagiam na disciplinação do *ser* como criatura de Deus.

O homem hebreu era capaz de perceber o erro que outro praticasse, mas não conseguia dimensioná-lo em si mesmo. Daí a advertência do Mestre dos mestres: "Vês o argueiro no olho de teu irmão e não percebes a trave no teu olho!"

E era verdade. Vejamos o caso da mulher adúltera (João, 8:1-11). Ela não adulterou sozinha; nem mesmo se sabe se não foi induzida ao adultério com o propósito de conduzirem o Cristo a contradições e perda. Mas, o que nos impede supor que todos os perseguidores da infeliz mulher fossem também adúlteros e não sabiam, uns por hipocrisia, outros por ignorância mesmo?

Em nossos dias, porém, em sociedade, já a ninguém é dado o alibi da ignorância, tendo em vista o adultério haver tomado a característica simplória e cínica de moda, de luxo e fatuidade viciosa. Por outro lado, o desquite e o divórcio são, muitas vezes, pretextos para a troca de parceiros no processo conjugal, onde a prole é instruída a tudo aceitar como fato normal.

Será que não estamos exagerando ou julgando mal o nosso próximo e a sociedade? Não! Pois que esses fatos estão documentados nas colunas sociais.

Na época do Cristo, entre os homens imperava a maledicência. Julgava-se até sob o testemunho de Deus: Disse Jesus, parabolicamente (Lucas, 18:9-14), que dois homens subiram ao templo para orar, um era fariseu, o outro, publicano. E o fariseu orava assim: "Ó meu Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem mesmo como esse publicano..." (que lhe estava ao lado). Nem Deus era poupado na hipocrisia dos homens, pois se um fariseu assim agia, imaginemos a totalidade!...

Deixemos o homem de ontem e voltemos as nossas atenções para o de nossos dias, em que a Humanidade parece agir como se de Deus houvesse esquecido inteiramente ou Ele houvesse deixado de existir.

Jura-se inocência, em nome de Deus, até nos tribunais, mesmo diante dos libelos acusatórios mais evidentes... Calunia-se o próprio Criador para justificar as mais torpes ações de corrupção... Mata-se todos os dias... Finalmente, nenhum dos mandamentos da lei exarada no Sinai é cumprido. E os chamados pecados de que a história das religiões trata quando fala de Sodoma e Gomorra são atos pueris, tolos, infantis diante do que hoje se pratica, abertamente, nos mais diversos recantos deste pobre planeta.

Repetimos: não é julgamento *inserto* na advertência do Mestre incomparável. São fatos que estão à vista nos jornais, nas capas das revistas, na televisão e no rádio. São atos de devassidão, de depravação, de hediondez, de ódios... E que, no entanto, a sociedade contemporânea pratica e aceita como normais, corretos e naturais.

No instante em que laboramos na composição deste trabalho, a esposa nos chama a atenção para notícia tristíssima de mais um crime que foge a tudo o que se possa colocar na condição de hediondez. Notícia a televisão que cinco jovens - um de 16, outro de 18 e três de 19 anos incendeiam um homem que, em Brasília, nossa Capital Federal, encontrava-se deitado num ponto de ônibus. Era um líder indígena que possivelmente se perdera de seus companheiros e, ali acossado pelo sono, buscava repouso. Mas, qual não foi nossa surpresa, quando, no dia seguinte, já presos, procuravam justificar-se que não sabiam que era um índio pataxó. Julgaram tratar-se de um mendigo!... Veja, leitor e irmão espírita, que não exageramos nos conceitos acima, pois, no caso em foco, não temos bandidos ou assassinos vulgares mas cinco jovens filhos das melhores famílias da sociedade brasiliense. Por quê? Que é que está faltando ao homem planetário?... Apenas uma coisa: espírito de religiosidade calcado na Luz do Evangelho do Cristo.

Não estamos querendo dizer com os nossos argumentos que a advertência do Cristo, quanto à ação de julgar, esteja superada. Muito ao contrário. Acresce, hoje, à

responsabilidade do julgador o dever de discernir bastante, mormente no que tange à necessidade de considerar melhor o valor da família, quer como centro de formação moral, quer com célula-base da sociedade.

Vejamos como sobre a ação de julgar o Mestre se pronuncia: “Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça” (João, 7:24). E mais adiante, ainda no livro de João (12:47). “E se alguém ouvir as minhas palavras, e não crer, eu não o julgo; porque eu vim, não para julgar o mundo, mas para o salvar. “ Mais adiante, ele explica o porquê: quem rejeitar a sua palavra, já tem quem o julgue: *sua própria consciência*.

Ora, que somos nós? que são os Espíritos, que ajudam o mundo dos encarnados com as suas mensagens? Somos uns e outros porventura juizes? Que diz a Espiritualidade Superior a nosso respeito e do papel que nos cumpre desempenhar, desde que dele estejamos compenetrados?

Não somos juizes. Não nos compete lavrar sentenças contra quem quer que seja. Mas não estamos impedidos de *ajuizar*, tendo em vista a excelência de nosso papel, quer de arautos na pregação, quer de exemplificadores na conduta cristã. Nisto convém que sejamos discípulos autênticos do Senhor.

Em cada um de nós, nesta exercitação do Evangelho, deve haver uma profunda interação que compreenda razão, inteligência, juízo, consciência e livre-arbítrio, enquanto espiritistas. Temos o dever de tomar conhecimento das dores do mundo, mas atentos a uma postura de oração e fé, exemplificando fraternidade e disciplina, numa atitude indemovível de Amor.

Ao mesmo tempo, porém, que nos contristamos com todos os fatos desairosos vistos acima, fazemos uma certa empatia com aqueles que se candidataram e se candidatam, ainda, ao infortúnio espiritual e, quem sabe (?), ao expurgo deste planeta para mundos em condição evolutiva condizente com o empedernimento em que se encontram.

Não nos assiste, efetivamente, o direito de julgar quanto ao destino desses irmãos. Percebemos a hediondez dos fatos, a iniquidade dos atos, a impiedade dos sentimentos. Mas nada sabemos a respeito das razões íntimas que os impulsionaram a delinqüir e a se perderem nos devãos das paixões e do erro. Somente Deus nos conhece, assim como conhece-se a si mesmo aquele que não se permitiu o entorpecimento da própria consciência...

A apatia para com os outros deve ser a conduta mental de um bom juiz e de todo aquele que se vê na contingência de assumir o compromisso de julgar. O Evangelho sugere perdão, complacência, misericórdia. Não obstante, perdão, complacência, misericórdia, enquanto atitudes, compreendem a existência de um erro ou falta já julgado, senão aceito como tal pela própria consciência do culpado.

O que ainda nos desafia o raciocínio é o entendimento, na ação de julgar, da advertência do Cristo: “Não julgueis.” Vejamos, então, o pensamento dos próprios Espíritos que se têm manifestado ao mundo na obra do Consolador.

Vejamos o raciocínio de Allan Kardec, no capítulo X, item 13 de “O Evangelho segundo o Espiritismo”:

“Não é possível que Jesus haja proibido se profligue o mal, uma vez que ele próprio nos deu o exemplo, tendo-o feito, até em termos enérgicos. O que quis significar é que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura. *Tornar-se alguém culpado daquilo que condena noutrem é abdicar dessa autoridade, é privar-se do direito de repressão.*” (Grifamos.)

Um Espírito superior, no item 17 desse mesmo capítulo nos sugere:

(...) Não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações (...).”

E ensina-nos o Espírito São Luís a uma indagação do Codificador, no item 20, com bastante propriedade:

(...) A ninguém é defeso ver o mal, quando ele existe. (...) Aquele que note os defeitos do próximo o faça em seu proveito pessoal, isto é, para se exercitar em evitar o que reprova nos outros.”

Na obra “Os Quatro Evangelhos” (1º Tomo, 8ª edição FEB, pág. 472-473), o autor espiritual afirma que Jesus exortava seus discípulos a não julgarem levianamente e, mais adiante, ao explicar a questão da trave e do argueiro no olho, registra essas palavras a que igualmente destacamos, dada a sua importância:

“Depois então, quando fordes perfeitos, podereis censurar (julgar). Podereis, mas não o fareis, porque a perfeição das vossas almas vos terá aproximado daquele que, perfeição completa, disse: “Atire a primeira pedra o que dentre vós estiver sem pecado (...).”

A questão é mais séria do que a princípio se possa imaginar. Não é uma índole má que conduz as almas ao erro, ao crime, à iniquidade, mas a imperfeição delas, a sua inferioridade moral.

No caso, por exemplo, do expurgo dos maus (obstinados) para mundos inferiores, o que ocorre não é uma condenação absoluta de Deus aos que não conseguiram aperfeiçoar-se e se mantêm engeguecidos na senda do mal, é uma questão de justiça. O Pai não considera justo que aqueles que atingiram um certo nível de perfeição fiquem sujeitos a uma espécie de estagnação planetária porque determinado contingente de Espíritos, por rebeldia, pouco caso fazem dos ensinamentos expressos na Lei e ratificados no Evangelho.

Sofrerão as consequências de sua obstinação. Quem os condena, Deus? Não! Para Deus não estão condenados mas reprovados. A consciência deles, sim, essa os condena. É sua função. O mais severo dos tribunais!

Como interpretamos acima a consciência? Que a respeito dela dizem os filósofos e os pensadores? Repetem uns que é o juiz secreto da alma, que aprova as ações boas e rejeita as más; confirmam outros que é o juiz incorruptível e severíssimo do Espírito.

Retirar a trave do olho deve ser realmente “expurgar a alma de todos os vícios e tornar puro o coração.” Realizando este engenhoso salto da treva para a luz, apercebe-se o *ser* de que o erro, a maldade de seu irmão no trajeto evolucionista afigura-se-lhe simples argueiro no olho. E em tudo isso comprova-se a sabedoria do Mestre divino, ainda hoje incompreendido, e a grandeza do seu Evangelho, aguardando aplicação para que o reino de Deus se manifeste neste planeta.

Nosso planeta se aproxima do terceiro milênio da Era Cristã. Os que nele permanecerem serão comparados às virgens prudentes de que trata a parábola do Senhor no capítulo 25 do Evangelho segundo Mateus. E estarão em condição, finalmente, de compreender que Deus não pode contradizer-se ao mesmo tempo que nos ensina a perdoar, condenando irremissivelmente aqueles de seus filhos que, por imperfeição, se utilizam mal do livre-arbítrio. Serão expurgados da Terra, sim, já o dissemos, mas para, arrependidos, recuperarem-se e, purificados, prosseguirem no roteiro de sua evolução.

-//-

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

REUNIÃO EM BRASÍLIA NOS DIAS 7, 8 e 9
DE NOVEMBRO DE 1997

O Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, realizará sua Reunião Ordinária do corrente ano, em Brasília, (DF), nos dias 7, 8 e 9 de novembro próximo futuro (sexta-feira, sábado e domingo), oportunidade em que serão tratados importantes assuntos de interesse do Movimento Espírita brasileiro.

-//-

A FEB e o Esperanto

HÁ 90 ANOS...

Um importante acontecimento fixa o ano de 1907 como um marco na história do movimento do Esperanto no Brasil. Na verdade, são três iniciativas que, em conjunto, assinalam o início do trabalho organizado dos esperantistas em nossa terra, estabelecendo diretrizes e órgãos centralizadores para as atividades que, até então, embora fecundas, realizavam-se de maneira dispersa. O leitor que desejar informar-se sobre os esforços dos pioneiros esperantistas brasileiros até o ano de 1906 deve consultar a obra "Esperanto Modelo", editada pela FEB em 1938 (reedições em 1987 e 1991), em que o autor, Ismael Gomes Braga, insere uma importante peça escrita por outro pioneiro esperantista do Brasil - A. Caetano Coutinho - , intitulada "Notas sobre o Esperanto no Brasil até 1906". A quase totalidade dos vultos ali mencionados por Caetano Coutinho, como trabalhadores da primeira hora, toma parte ativa nos significativos eventos de 1907, todos conscientes da necessidade de congregar os inúmeros feixes dispersos pelo País em torno de um centro que melhor direcionasse suas respectivas ações e principalmente, mantivesse a marcha do esperantismo no Brasil nos caminhos seguros da orientação do Dr. Zamenhof.

Convém recordar, para melhor avaliarmos as iniciativas do movimento brasileiro em 1907, que então se esboçava uma tremenda crise nos círculos esperantistas da Europa, mais precisamente na França, já com preocupantes reflexos sobre os demais núcleos existentes, inclusive o brasileiro. Essa crise, causada pela vaidade de alguns adeptos, ansiosos por imerecido destaque, provocou um cisma nas hostes esperantistas e foi marcada por pérfidas manobras e tentativas de desfigurar o Esperanto e desacreditar o seu criador. Como toda crise, foi benéfica para o movimento, pelas lições que ensejou e que mais fortificaram os adeptos, principalmente pelas atitudes nobilíssimas do Dr. Zamenhof que, desse modo, educava as futuras gerações a respeito da ética superior que sempre deve nortear os trabalhos dos esperantistas.

Assim é que os brasileiros, tendo à testa vultos da envergadura de Everardo Backheuser, Nuno Baena, Medeiros e Albuquerque, A. Caetano Coutinho, Daltro Santos, entre tantos, decidem organizar-se e fundam, em abril, o primeiro órgão esperantista do Brasil - a Brazila Revuo Esperantista (Revista Esperantista Brasileira). Em julho, realiza-se o 1º Congresso Brasileiro de Esperanto, cuja sessão inaugural foi presidida pelo Ministro do Interior, Dr. Tavares Lira. E é nesse congresso que se decide a fundação da Brazila Ligo Esperantista Brasileira). Em 1908, a revista se torna o órgão especial da Liga, tomando o nome Brazila Esperantisto que conserva até hoje. Em 1949, a Brazila Ligo Esperantista também tem o seu nome alterado para Brazila Esperanto-Ligo (Liga Brasileira de Esperanto).

De lá para cá, tais iniciativas cresceram em extensão e qualidade, sempre dando bons frutos, pois as adversidades que se têm levantado em seu caminho, naturais em toda atividade idealística, não passaram de crises superficiais que jamais atingiram a essência do ideário superior do Esperanto, antes contribuindo para o amadurecimento dos adeptos e das organizações.

Os Congressos Brasileiros de Esperanto são sempre uma festa de conagração e fortalecimento do ideal; o Brazila Esperantisto destaca-se no cenário cultural do movimento como um periódico de alto nível, no conteúdo quanto na forma; e a Liga Brasileira de Esperanto efetivamente congrega e lidera a generosa família esperantista brasileira, contando para isso com um pugilo de obreiros conscientes, atualizados, idealistas, os quais têm feito daquela respeitável Instituição um modelo de operosidade e de modernidade na condução dos destinos do Esperanto no Brasil.

Que todos os esperantistas do Brasil nos unamos em torno desse tronco venerando que completa seu 90º ano de frutuosa existência! **(A.S.)**

-//-

O Universo é constituído de Vida

Ney da Silva Pinheiro

"O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação." ("A Gênese", cap. I, item 16, p. 21, 36ª ed. FEB, Rio de Janeiro, 1995.)

- "É aleijada a ciência que prescinde da religião e a religião sem a ciência é cega." ("Pensamento Político e Últimas Conclusões". Albert Einstein, p.34, Ed. Brasiliense S.A., São Paulo).

Preliminarmente, como ressalva, indispensável à abordagem, que nos propomos aqui - sublinhamos que não é possível ignorar que aqueles valores fundamentais e propedêuticos da convivência humana, tais como a reforma íntima no sentido do bem, a solidariedade humana, as luzes do esclarecimento pessoal, a caminhada laboriosa, permanente e indelegável, que se faz por dentro do império da alma, presente o roteiro que nos oferece o Evangelho do Cristo, não podem ser descurados e devem ter prioridade em nossas vidas. Só dessa forma, na ordem coletiva, a Providência Divina poderá liberar, no momento adequado, revelações de ordem científica ou espiritual que levem a seguro e duradouro embasamento filosófico, com real aproveitamento para a Humanidade. Todavia, o Espiritismo com sua extraordinária estrutura doutrinária de ciência, filosofia e religião, e o seu indiscutível perfil de Cristianismo Redivivo, não poderá ser subestimado como hermenêutica viva e inquestionável nos labores do espírito humano, direcionado ao entendimento dos próprios destinos.

É nosso propósito, tanto quanto nos permitem as condições pessoais, realizar, aqui, uma apreciação, em síntese, da Tese que nos assegura ser a estrutura do Cosmo, toda ela, constituída somente de vida, isto é, que a própria matéria inerte, que a integra, é viva, como afirmaram André Luiz, Emmanuel e outras fontes respeitáveis, conforme veremos ao longo deste trabalho.

Aprendemos com Kardec que o princípio espiritual tem suas raízes nas fontes inabordáveis da Vida, porém necessita do princípio material como veículo de sua evolução, a caminho da individualização, na senda do progresso infinito, até onde é possível visualizarmos, o que não infirma, de modo algum, a Tese em apreço. Donde vem a propósito este esclarecimento de Emmanuel:

- "É lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável, chegando-se dessa forma a estabelecer a unidade substancial do Universo. Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como o estado positivo dessa substância. O ponto de integração dos dois elementos estreitamente unidos em todos os planos do nosso relativo conhecimento, ainda não o encontramos." (Grifo nosso.)

Esta afirmação de Emmanuel leva-nos a aceitar a conclusão de que essa essência imutável, essa substância absoluta, esse fluido divino, esse Hausto Corpuscular de Deus, que satura a Criação inteira, como fonte exclusiva da vida infinita, pode manifestar tão-somente vida, em todos os níveis do Universo, certo que todo o efeito é, axiomáticamente, segundo a causa que o gerou. Daí porque, ante o avanço inexorável do pensamento, é conclusivo que "o maior erro da ciência é crer na possibilidade de existir na Natureza algo que seja morto", sem

vida, segundo a voz milenar da Sabedoria Oriental, que vultos eminentes da Física Teórica interpretam como uma autêntica visão da realidade universal.

Não há necessidade de dotar-nos de cultura científico-filosófica para alcançar, em suas linhas gerais, apesar do cárcere da palavra, a abrangência conceptual dessa teoria, esposada por pensadores, os mais eminentes, e, antes, pelas vozes mais nobres da Revelação, nestes finais dos tempos.

Como veremos, ao correr deste trabalho, esta Tese é de inestimável valor teórico para a Doutrina Espírita, o que vale dizer para o futuro da Ciência e, conseqüentemente, da Filosofia. Tentaremos destacar pronunciamentos colhidos em abalizadas fontes, tanto de ordem espiritual quanto de ordem científico-filosófica leiga, que consideram de alguma forma esta revolucionária teoria, ainda em gestação, presente a discreta e cautelosa inclinação, nesse sentido, das vozes mais lúcidas da Comunidade Científica, tal a convergência e coerência lógica dos fatos, que nos levam à conclusão positiva a favor desse pensamento de vanguarda, em que pese sua feição inabitual, apesar de certa resistência da estratificada e especiosa ortodoxia científica, que tenta resistir aos impulsos irrecorríveis da Lei de Evolução. Compreendemos que a Ciência tem de proceder judiciosamente; não compreendemos, porém, o dogmatismo irracional, intransigente, asfíxiante, que se nega ao menos a examinar os fatos, num "flagrante delito de ignorância", usando uma expressão de Allan Kardec.

A Tese em apreço, que define a matéria, chamada inorgânica, como dotada de certa condição de vida, é da mais alta importância doutrinária, reiteramos, não só como concepção do Universo, da Vida e de suas manifestações, como também demonstração lógica do imanente processo da Onipresença Divina, a Consciência Universal, fonte inesgotável e singular da Vida Infinita, manifestando-se em todos os níveis da sua Criação, santuário augusto do seu divino mistério, desde o insondável mundo subatômico, com seu movimento incessante, até o incomensurável universo macrocósmico, sustentado e impulsionado por um pensamento diretivo. Donde proceder a afirmação de James Jeans, Raimundo Farias Brito, William Thomson (Lord Kelvin) e Henry Poincaré, no século passado, e Jean Marie Pierre Guilton, Paul Davies, Arthur Stanley Eddington, Jean E. Charon, Michael Talbot, Fritjof Capra, Jorge Andréa dos Santos, Hernani Guimarães Andrade e outros, neste século, sem esquecer os pensadores orientais, de que o Universo é um vasto pensamento de vida e não uma máquina, como pretende a Teoria Mecanicista.

Empenhada em conquistar terreno no rumo da solução de importantes problemas, que lhe asoberbam as preocupações e de notável significação para a Humanidade, que caminha a largos passos na direção da Era do Espírito, "época que sobrevirá fatalmente e não tardará muito", como acentua o cientista patricio Hernani Guimarães Andrade, em sintonia com André Luiz, quando este afirma que "aproxima-se o homem terreno da Era do Espírito, sob a luz da Religião Cósmica do Amor e da Sabedoria" - a Física Moderna oferece à Tese em exame inestimáveis subsídios, que vêm contribuindo para a valorização do pensamento espiritualista, a despeito da idiossincrasia das ingurgitantes correntes materialistas do pensamento científico contemporâneo, e, também, de escolas e correntes outras de estreito, ingênuo e alienante pensamento religioso.

"Quem nunca saiu da horizontalidade da análise, processo linear de captação da realidade", conseqüentemente, "não pode imaginar o que seja a verticalidade da intuição racional" para adentrar problema como este, certo que a realidade transcende o pensamento. É oportuno lembrar, a propósito, a declaração de Albert Einstein, o gênio que mudou os rumos científicos do século XX, quando afirma que "a intuição é a fonte das grandes descobertas", e

que "as leis fundamentais do Universo não podem ser conhecidas por análise lógica, mas somente por intuição". Esta a razão, o fundamento de sua histórica afirmação: - "Eu penso 99 vezes e não descobri a Verdade; paro de pensar, mergulho em profundo silêncio, e eis que a Verdade se me revela."

Vem a propósito, por adequado momento, lembrar aquela inquestionável advertência e ensinamento: "Para compreender a essência das coisas deveis abrir as portas da alma e estabelecer, pelas vias do Espírito, esta interior comunicação entre espírito e espírito. Deveis sentir a unidade da vida que irmana todos os seres, do mineral ao homem, com trocas e interdependências impostas por uma lei comum. Deveis sentir este liame de amor com todas as outras formas de vida, porque tudo, desde o fenômeno químico ao fenômeno social, não é mais do que vida, regida por um Princípio Espiritual". (Grifo nosso.)

Este o caminho para entendermos os mecanismos do Universo e da Vida.

Retomando nossas observações, em torno do problema, que nos preocupa aqui, que não pode ser focado só pelos caminhos da análise, pois esta já deu o máximo que poderia dar, lembremos que André Luiz é taxativo ao afirmar, sem figura de retórica, que "tudo é espírito no santuário da Natureza" , e, conseqüentemente, tudo é vida, do mineral ao arcanjo, e além, pelos caminhos do infinito, nesta cosmovisão da estrutura do Universo. Emmanuel, endossando-lhe a assertiva, é peremptório ao afirmar: "Da Glória Divina às balizas subatômicas, o Universo pode ser definido como sendo uma cadeia de vidas, que se entrosam na Grande Vida." A obra "A Grande Síntese" é categórica nesse sentido: "(...) toda a matéria, mesmo aquela considerada bruta e inerte, é viva e sente, e pode plasmar-se e obedece, quando atingida por um comando forte." Will Durant, um dos vultos mais brilhantes da inteligência americana, escreve: "(...) dentro da matéria aparentemente inerte existe um princípio de vida, um poder que compele à evolução." Teilhard de Chardin é peremptório: "Em cada partícula, cada átomo, cada molécula, cada célula de matéria, vivem escondidas e atuam, incógnitas, a onisciência do eterno e a onipotência do infinito."

Caminham, assim, os fatos e os testemunhos, convergindo para a grande realidade, o postulado da Vida Integral em todos os níveis da Natureza; tese levantada, de certo modo, por "O Livro dos Espíritos", quando, para não avançar, de forma extemporânea, ergue apenas a ponta do véu, discretamente, e registra na resposta à questão 540: "(...) tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto." (Grifo nosso.) Allan Kardec, em "A Gênese"(cap.VI, item 18), afirma: "As moléculas do mineral têm uma certa soma dessa vida, do mesmo modo que a semente do embrião (...)."

Verificamos, outrossim, à margem dessas considerações, que, cada vez mais, diluem-se as bases desse materialismo irracional e inconseqüente, "necrófila e suicida, que rejeita a própria imortalidade" e que na ironia de Einstein "morreu de asfixia por falta de matéria", como escreve o erudito e brilhante José Herculano Pires.

Estudos procedidos pela Física Teórica, de 1905 a esta parte, estão sendo levados pelos fatos a abrir caminho, na direção do esclarecimento científico gradual, deste e de outros problemas, na tentativa de uma visão unitária, abrangente, holística da vida universal.

As conquistas da Ciência, em que pesem os labores desses operários do pensamento - é preciso que se observe, como sublinhamos acima e aqui repisamos - só serão liberadas pelos Altos Planos Espirituais, que, em nome de Deus, presidem os destinos da Civilização na razão direta do desenvolvimento moral e espiritual do homem, pois como observa Sua Voz: "Qual o cientista que, para compreender um fenômeno, jamais pensou em procurar atingir sua purificação moral?" E sublinha: "Purificai-vos moralmente, afinai a sensibilidade do instrumento, que sois vós mesmos e, só então, podereis ver." Esta advertência é antecipada, desde o século passado, por "O Livro dos Espíritos", em resposta à questão 18, onde se lê: "O véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ainda não

possui." É de André Luiz esta conclusão: "(...) se a indagação científica estivesse acompanhada de seguros valores do sentimento, do caráter, da consciência, outras seriam as realizações em vista da luz de espiritualidade acesa para o caminho (...),"

Vivemos uma época surpreendente da História, quando os próprios cientistas soviéticos estão aplicando os princípios da Teoria da Relatividade na pesquisa dos fatos psíquicos. Seja visto o que diz Viktor Adamenko, uma das maiores autoridades soviéticas em pesquisa psíquicas, apesar do rígido "establishment" soviético de então: "Nós estamos iniciando uma revolução científica por demais grande, por demais ameaçadora para os velhos princípios estabelecidos da física e para os modos como a física tem sido entendida e ensinada."

Hernani Guimarães Andrade afirma: "As fronteiras entre o vivo e o inanimado praticamente caíram com as experiências de Fraenkel-Conrat e Robbley Willians quando estes sintetizaram o vírus mosaico do tabaco. Atualmente, começaram a sofrer abalos os bastiões que garantiam a separação entre o psíquico e o físico. Os fatos da psicocinesia acertaram-lhe certo golpe". (Grifo nosso)

O pensamento espírita irá se impondo progressiva e seguramente, pois terá suas revelações confirmadas pelos fatos, que a Ciência terá de endossar, mais cedo ou mais tarde, ainda que com outra linguagem, pois, como diz Herculano Pires: "Hoje a Física atômica e nuclear está fazendo justiça a Kardec, em suas descobertas mais recentes. (...). O Espiritismo resgata os seus direitos na cultura do século."¹⁸

"Não importa - diz André Luiz - que os aspectos da verdade recebam vários nomes, conforme a índole dos estudiosos. Vale a sinceridade com que nos devotamos ao bem. O laborioso esforço da Ciência é tão sagrado quanto o heroísmo da fé."¹⁹ (Grifo nosso.)

O Espiritismo, hermenêutica viva da Verdade, se "interessa por todas as questões da metafísica e da ordem social", como diz o Codificador, e, por isso mesmo, não pode ficar, e não está, à margem dos acontecimentos do século, instrumento da Providência Divina na construção do porvir e na reconstrução das idéias do passado em novas bases, num processo gradual e equilibrado, com clareza, lógica e rigor.

André Luiz, versando o palpitante problema, numa linguagem brilhante e erudita, adequada ao nosso tempo, sem perder o sabor da simplicidade da terminologia espírita, aponta-nos para uma nova Era no entendimento dos magnos problemas da Ciência e da Religião, para melhor entendimento da vida, bem como descerra à Filosofia um panorama eloqüente de grandeza, principalmente quando visto sob o enfoque das lentes poderosas da Doutrina Espírita.

- 1 "Emmanuel", cap. 33, págs. 170-171, 17ª ed., FEB,RJ.
- 2 "Deus e a Ciência", p. 5, Ed. Nova Fronteira S.A., RJ; "Ponte de Mutação", cap. 3, p.81, Ed.Cultrix, SP.
- 3 "Novos Rumos à Experimentação Espiritica", p.156, Liv. Baturá, SP.
- 4 "Nos Domínios da Mediunidade", 24ª ed., p. 13, FEB, RJ.
- 5 "A Grande Síntese", Pietro Ubaldi, págs. 49 e 113, Ed. LAKE, SP.
- 6 "Einstein, o Enigma da Matemática", págs. 55 e 239, Ed. Alvorada, SP.
- 7 "A Grande Síntese", pág. 24, Ed. LAKE, SP.
- 8 "Nos Domínios da Mediunidade", 24ª ed., pág. 169, FEB,RJ.
- 9 "Pensamento e vida", pág. 21, 9ª ed., FEB,RJ.
- 10 "A Grande Síntese", pág. 54, Ed. Instituto Pietro Ubaldi, RJ.
- 11 "Filosofia da Vida", Will Durant, págs. 52 e 53, Ed.Cia. Editora Nacional, SP.
- 12 "Deus e a Ciência", Jean Guitton, pág. 126, ed. Nova Fronteira S.A.,RJ.
- 13 "Concepção Existencial de Deus", J. Herculano Pires, págs. 34 e 36, Ed. Paidéia Ltda., SP.
- 14 "A Grande Síntese", págs. 24 e 26, Ed.LAKE, SP.
- 15 "Missionários da Luz", 27ª ed., pág. 100, FEB, RJ.
- 16 "Novas descobertas Parapsicológicas: A Experiência Soviética", págs. 15 e 23, Ed. Civilização Brasileira S.A. RJ.
- 17 "A Matéria Psi", Prefácio da Editora, p. s/nº, 1ª ed., Casa Editora O CLARIM, Matão - SP., 1972.
- 18 "Ciência Espírita", J. Herculano Pires, pág.126, Ed. Paidéia Ltda., SP.
- 19 "Nos Domínios da Mediunidade", 24ª ed., págs. 274-275, FEB, RJ.

-//-

Esflorando o Evangelho - EMMANUEL

INCONSTANTES

"Porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte." - (TIAGO, 1:6.)

Inegavelmente existe uma dúvida científica e filosófica no mundo que alojada em corações leais, constitui precioso estímulo à posse de grandes e elevadas convicções; entretanto, Tiago refere-se aqui à inconstância do homem que, procurando receber os benefícios divinos, na esfera das vantagens particularistas, costuma perseguir variadas situações no terreno da pesquisa intelectual sem qualquer propósito de confiar nos valores substanciais da vida.

Quem se preocupa em transpor diversas portas, em movimento simultâneo, acaba sem atravessar porta alguma.

A leviandade prejudica as criaturas em todos os caminhos, mormente nas posições de trabalho, nas enfermidades do corpo e nas relações afetivas.

Para que alguém ajuíze com acerto, com respeito a determinada experiência, precisa enumerar quantos anos gastou dentro dela, vivendo-lhe as características.

Necessitamos, acima de tudo, confiar sinceramente na Sabedoria e na Bondade do Altíssimo, compreendendo que é indispensável perseverar com alguém ou com alguma causa quem nos ajude e edifique.

Os inconstantes permanecem figurados na onda do mar, absorvida pelo vento e atirada de uma para outra parte.

Quando servires ou quando aguardares as bênçãos do Alto, não te deixes conduzir pela inquietude doentia. O Pai dispõe de inumeráveis instrumentos para administrar o bem e é sempre o mesmo Senhor Paternal, através de todos eles. A dádiva chegará, mas depende de ti, da maneira de procederes na luta construtiva, persistindo ou não na confiança, sem a qual o Divino Poder encontra obstáculos naturais para exprimir-se em teu caminho.

(Do livro "Pão Nosso", psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 22, págs. 55 e 56, 17ªed. - FEB.)

COSME MARIÑO

SESQUICENTENÁRIO DE NASCIMENTO

AFFONSO SOARES

“(…) Em vós não se refletem os méritos de que eles gozem, senão na medida dos esforços que empregais por seguir os bons exemplos que vos deram. Somente nestas condições lhes é grata e até mesmo útil a lembrança que deles guardais.” “O Livro dos Espíritos” - Questão nº 206.

Ao relembrarmos o vulto de Cosme Mariño, pioneiro do espiritismo na Argentina, por ocasião do sesquicentenário de seu nascimento, temos em vista não somente homenagear um membro ilustre da crescente família espírita planetária, irmão de grandes méritos e, por isso, missionário, mas também, e principalmente, evocar seus fecundos exemplos, visando a que as novas gerações possam enfrentar os desafios suscitados pela consolidação do Ideal com o auxílio do critério inconfundível daquele que é justamente considerado o Kardec argentino, o mesmo critério que iluminou as atitudes do Codificador e de seus fiéis continuadores nas diversas partes do mundo em que o Espiritismo tem lançado raízes vigorosas. Assim justificamos a citação que encima este modesto artigo.

Cosme Mariño reencarnou em Buenos Aires aos 27 de setembro de 1847, meses antes de iniciar-se em Hydesville, EUA, com a intermediação das irmãs Fox, aquela “invasão organizada “ de seres de outra esfera a que se refere o insigne espírita escocês, Arthur Conan Doyle, em sua excelente “História do Espiritismo”. Aí, como em tudo, se revelaram a Sabedoria e a Providência divinas, cuidando para que ao imenso exército de operários, encarnados e desencarnados, construtores da Nova Era, não faltasse a influência encorajadora e organizadora de experientes condutores, entre os quais se alinhou a figura do grande líder argentino.

Não fugindo à regra, pela qual sempre se evidencia a presença de um missionário entre os homens, desde a infância se revelam as aspirações superiores de Cosme Mariño sob a forte vocação para o sacerdócio, à qual, porém, daria outra direção com o ingressar na carreira jurídica, formação que lhe seria de imensa utilidade para sustentar com êxito os terríveis embates inerentes à implantação dos ideais espíritas na sociedade argentina.

Ainda antes de se tornar espírita, Cosme Mariño já recolhia o reconhecimento de seus contemporâneos pelas virtudes da abnegação e do devotamento no socorro às vítimas da epidemia de febre amarela que assolou Buenos Aires em 1871. Integrando a “Comissão Popular de Auxílio”, em cujas heróicas atividades também contraiu a doença, Mariño recebeu homenagens do povo e uma medalha da Municipalidade de Buenos Aires. O mesmo reconhecimento lhe foi tributado pela República do Chile quando, por ocasião de uma epidemia de varíola, Mariño organiza um Comitê de Ajuda através do qual angaria cerca de 500 mil pesos para as vítimas.

Corre o ano de 1874, sob todos os aspectos decisivo na existência de Cosme Mariño. É quando o destino leva-o a transferir-se para a cidade de Dolores, onde contrai núpcias com Mercedes Milani, da localidade de Chascomus, e se entrega, de corpo e alma, a serviços de grande alcance social. Conhecendo-lhe os sentimentos altruísticos, a sociedade de Dolores confia-lhe graves tarefas. Integra a Comissão da Casa de Justiça e Cárceres, imprimindo diretrizes genuinamente cristã na recuperação dos presos, preside a Comissão do Hospital de Dolores e é nomeado membro do Conselho Escolar, em tudo deixando o inconfundível selo da superioridade de seu caráter missionário.

Soa então para Mariño a convocação aos serviços do Consolador, pelos quais influirá mais profundamente na renovação de toda uma coletividade nacional. Ingressa num seletivo círculo de estudiosos, dirigido pelo Engenheiro Rafael Hernandez, de quem ouve as primeiras noções da Doutrina. Logo se identifica com o grandioso ideal e, em sessões regulares na residência de Pedro Bourel, presencia os irrefutáveis e consoladores fenômenos espíritas, sob condições rigorosas de experimentação, e, à semelhança do Codificador, neles entrevê o germe de profundas revelações morais na marcha da Humanidade. Durante cinco anos, em Dolores, sorve, na fonte sagrada da comunhão com os Espíritos e nos estudos daquele seletivo grupo, as bases que o sustentariam, até o fim da vida, na vigorosa atividade de divulgação dos ideais do Consolador.

Regressando a Buenos Aires, agora com a alma impregnada da iniciação em Dolores, Mariño, sempre fiel ao idealismo humanitário de seu caráter, funda instituições que tinham por princípio e fim a proteção e a educação do povo, tais como a Biblioteca Popular Municipal, a Escola de Desenho, a Sociedade Protetora dos Animais, o Colégio de Procuradores.

Em 1879, ingressa na Sociedade Espírita “Constancia”, que então contava apenas dois anos de existência. Por sua estatura moral, elegem-no Vice-Presidente e, em 1883, é guindado à presidência, que exerceria até o fim de sua existência, em 1927. Um ano antes, em 1882, assume a direção da revista Constancia, órgão oficial da Sociedade, de ambas fazendo um luminoso foco de irradiação do Espiritismo, tanto na Argentina como nos países vizinhos. Suas atividades estimulam a formação de novas sociedades espíritas. Possuidor da vocação jornalística desde a mocidade, tanto é que em 1869 fora um dos fundadores do famoso jornal portenho, La Prensa, tendo sido até mesmo um dos seus diretores, Mariño, através das colunas de Constancia, defende a causa contra renhidos ataques organizados principalmente nos redutos do dogmatismo científico e religioso da época, seja sustentando o fundamento das revelações, seja defendendo os médiuns contra as arremetidas dos aborrecidos da luz. As forças da treva, entrevendo que a ação de Mariño, como poderoso aríete, abalaria suas cidadelas obscurantistas, chegam a impulsionar uma pobre fanática religiosa, levando-a a atentar, com arma de fogo, contra a vida do grande missionário. Mariño escapa ileso e, sem se intimidar, prossegue em sua luta.

Sempre pelas páginas de Constancia, desperta o coração dos adeptos para o caráter essencialmente, cristão da Nova Revelação, promovendo uma vigorosa campanha em favor da infância desvalida, convocando os espíritas a que ajudem as autoridades no combate à epidemia de cólera que assola o país em 1886, empenhando-se na criação de escolas de enfermeiros leigos, de artes e ofícios, de creches, de instituições para a proteção das mulheres decaídas ou egressas dos cárceres.

Em 1900, alinha-se entre os doze fundadores da Confederação Espiritista Argentina, convencido que estava da necessidade de união entre os espíritas argentinos, união que seria o exemplo concreto de que as idéias de fraternidade do Espiritismo Cristão não eram palavras ocas no seio da já numerosa coletividade espírita da Nação. Foi ele o primeiro presidente da C.E.A., mas deve ser lembrado aqui o verdadeiro pai dessa Sociedade, Antônio Ugarte, que Mariño considerou “um dos velhos e valorosos campeões do Espiritismo na Argentina”.

Não obstante possuir gigantesca estatura intelectual, esta todavia jamais superou o traço humanitário de seu caráter eminentemente cristão iluminado pela Caridade em sua mais legítima expressão.

Em 1910, Mariño realiza um sonho carinhosamente acalentado, ao lançar a pedra fundamental do “Asilo Primer Centenario de La Independencia Argentina”, cujo edifício foi erguido em 1925 graças à oferta de donativos e a subscrições públicas e em cujo pórtico inscreveu o aforismo que lhe era particularmente caro ao coração: “Onde o amor impera, as leis se tornam supérfluas”. Essa obra, infelizmente, teve as portas fechadas poucos anos após

a desencarnação de Mariño, por falta de “fervor místico coletivo indispensável para interpretar o significado primordial dessa classe de realizações, dentro da linha kardequiana e cristã que Mariño tão profundamente sentiu e realizou sem negligenciar esforços e sem evitar perigos”, como afirma José S. Fernández em artigo no número especial de Constancia (outubro/1947), inteiramente dedicado ao primeiro centenário de nascimento de Cosme Mariño. Esse mesmo articulista, de quem temos colhido subsídios para esta singela homenagem, relembra que, nesse sentido, Mariño foi menos afortunado que seu irmão missionário Bezerra de Menezes, cujas realizações no campo da beneficência se multiplicaram sob a influência do Espiritismo evangélico que sustenta as organizações espíritas no Brasil. E acrescenta: “devemos meditar profundamente sobre este aspecto da obra de Mariño que, sem dúvida alguma, foi o que lhe granjeou o maior respeito de profanos e inimigos nas horas difíceis em que o Espiritismo deveu a se fervor e denodada ação o reconhecimento público como ideologia nobre e altruística, fator de progresso e manifestação de cultura.”

A cultura espírita teve em Cosme Mariño uma de suas mais robustas colunas. Na defesa da Doutrina, sustentou fecundas polêmicas com médicos, psiquiatras, eclesiásticos e periódicos católicos, trabalhos que a Sociedade “Constancia” enfeixou em volume editado no ano de 1934. A divulgação espírita teve nele um insuperável e infatigável conferencista. Mas o carro-chefe de tão abundante sementeira foi sua produção literária, toda inspirada na ideologia espírita, da qual citamos as seguintes obras: “Provas concludentes da existência da alma”, “O Espiritismo e a Ciência”, “O Espiritismo ao alcance de todos”, “História do Espiritismo na Argentina”, “Autobiografia de um medíocre” e “As primeiras andorinhas”.

Também se dedicou à tradução, vertendo, do inglês, o livro “Cartas de Júlia”, do grande médium e publicista William T. Stead, e, do francês, “Catecismo de Moral e Religião”, de Bonnefont. Uma peça de sua autoria, “O Ideal no Real”, foi representada no Teatro Vitória.

Cosme Mariño desencarnou em 18 de agosto de 1927, legando à família espírita mundial exemplos fecundos, reveladores de uma incondicional fidelidade aos ideais do Espiritismo Cristão, tão bem definidos na divisa “Fora da Caridade não há salvação”.

Por ocasião das comemorações do 1º Centenário de seu nascimento, exatamente no dia 27 de setembro de 1947, realizou-se uma sessão mediúnica, de caráter privado, na sede da “Constancia”, sob a presidência de Francisco Durand. Ali, através das faculdades do médium Bartolomé Rodríguez, manifestou-se o Espírito de Cosme Mariño em comovida alocução com que principalmente testemunhava a alegria de ainda e sempre servir à causa do Espiritismo, agora na liberdade do Espírito que cumpriu integralmente o seu dever para com Deus e a Humanidade.

No dia seguinte, no Salão “Lassalle”, um ato público homenageou a memória do grande líder argentino. A revista Constancia dedicou-lhe integralmente o seu número 2736 (1º a 15 de outubro de 1947), publicando, entre outras tocantes matérias, as manifestações de espíritas de diversos países das Américas a respeito da personalidade do homenageado, inclusive de saudosos obreiros do Movimento Espírita do Brasil, como, entre tantos, Aurino Barbosa Souto, Ismael Gomes Braga, Deolindo Amorim e Arnaldo São Thiago.

Reformador não somente se associou às comemorações do centenário de nascimento de Cosme Mariño, dedicando-lhe artigos em 1946 (agosto) e 1947 (novembro), como também tem mantido viva a memória de sua figura e de suas realizações no Movimento Argentino, como o atestam as matérias sobre o cinqüentenário da Confederação Espiritista Argentina (número de maio de 1950), a biografia de Cosme Mariño (número de setembro de 1967) e o centenário da Sociedade “Constancia” (número de setembro de 1977).

Finalizaremos estas despreziosas palavras citando um significativo trecho do folheto “Conceito Espírita do Socialismo”, que Mariño concebeu como réplica aos sermões que, a

respeito de Socialismo, Família e Propriedade, foram proferidos na Catedral Metropolitana de Buenos Aires por Monsenhor D'Andrea:

“O Espiritismo é a única Doutrina científica e filosófica que pode construir a felicidade real dos homens, já que revela a causa das desigualdades sociais, fundamenta seu altruísmo no amor à Humanidade e explica, com Jesus, este amor, demonstrando os vínculos espirituais que unem todos os homens; porque todos são filhos de um mesmo Pai.

Os espíritas temos um aforismo que simboliza fielmente os ideais que perseguimos. Dizemos : Onde o amor impera, as leis se tornam supérfluas. E este é o ideal que nos guia: Fazer com que o amor una todos os homens, todos os povos, num laço indissolúvel; que o sentimento de solidariedade se estenda pelo mundo, como se estende o da solidariedade dos interesses materiais; que se pratique, finalmente, o pensamento que se encerra nestas simples palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, porque nisto consiste a Lei e os Profetas.”

-//-

Os Recursos Humanos e as Atividades da Casa Espírita

XERXES PESSOA DE LUNA

○ Centro Espírita, na qualidade de célula de disseminação do Espiritismo, tem papel de extrema relevância na tarefa de transformação da Humanidade, do atual estágio em que se encontra, para o da regeneração que já se começa a intuir.

No âmbito de sua competência, é notória a contribuição da Doutrina Espírita à ordem e à justiça social, uma vez que suas Instituições vêm desenvolvendo, de forma cada vez mais crescente, uma série de atividades destinadas a esclarecer, orientar, assistir, socorrer e promover material e espiritualmente a criatura humana neste tempo de transição, por vezes tão conturbado.

A seriedade dos seus ensinamentos, associada à forma responsável de trabalho de suas Instituições, tem concorrido para que muitas pessoas aflitas, amarguradas, desesperançadas, envoltas em crises existenciais e emocionais, além daquelas sedentas de entendimento e compreensão da vida, busquem sua assistência e serviços. E para que estes anseios de consolação e iluminação de consciência sejam plenamente alcançados na Casa Espírita, faz-se imprescindível a colaboração de pessoas de boa vontade, dispostas a trabalhar em prol da sua própria paz e felicidade e da dos seus semelhantes de forma consciente, desinteressada e comprometida com os propósitos do Espiritismo, mesmo que possuidoras de um relativo preparo para a tarefa que se disponham a desenvolver.

Neste sentido, urge que os diregentes espíritas, cada vez mais busquem e preparem adequadamente seus colaboradores, pois a complexidade das situações que estão a afligir as criaturas e a crescente presença nas Casas Espíritas de um público não só carente de assistência e socorro mas também profundamente desejoso do entendimento das verdades reveladas pelo Espiritismo estão a exigir uma ampliação de seu quadro de servidores, bem como o aprimoramento da qualidade dos serviços prestados.

No que se refere à ampliação do número de trabalhadores, estes poderiam ser buscados entre os participantes do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE), os integrantes das juventudes Espíritas, os associados e os freqüentadores, principalmente os mais assíduos e ligados há mais tempo à Casa. Para tal, programas poderiam ser desenvolvidos, objetivando incentivar este público-alvo a exercitar seu aprimoramento íntimo pela vivência dos ensinamentos do Cristo nos trabalhos desenvolvidos pela Instituição em prol dos seus semelhantes, no campo da assistência e promoção social, do estudo, da divulgação doutrinária, da orientação e da assistência espiritual.

Quanto à seleção dos recursos humanos, cuidados muito especiais devem ser tomados, pois em hipótese alguma os princípios e propósitos do Espiritismo deverão ser desnaturados por colaboradores que, desconhecendo-os ou resistindo aceitá-los, mesmo que movidos por boa vontade, tentem introduzir no trabalho espírita procedimentos e métodos que conflitem com as orientações e ensinamentos do Espiritismo.

A preparação dos trabalhadores é outro aspecto da administração do Centro Espírita que não pode ser subestimado, pois a sua não relevância na dinâmica administrativa tem possibilitado o surgimento de situações muito delicadas, não só para a manutenção das atividades, mas, principalmente, para a preservação da estabilidade e natureza de algumas Instituições, pois o despreparo de uns tem, freqüentemente, motivado, em nosso meio, casos de abuso do direito de liberdade, negações e dissensões.

Para que o Centro Espírita cumpra fielmente com suas finalidades de Escola de formação espiritual e moral, de Hospital de almas enfermas, de Oficina de Trabalho a serviço do Amor e da Paz e de Templo de irradiação da Luz Divina, é imprescindível que seus

dirigentes e trabalhadores nunca descurem de sua preparação e aprimoramento, condições essenciais ao bom desempenho de suas tarefas. Neste sentido, poderiam definir algumas medidas, como:

a) Participação regular nos ciclos de estudo do ESDE, mantido pela Instituição. Caso não os possua e na impossibilidade de implantá-los, poderia ser estipulado um dia e horário durante a semana onde todos se reuniram para um estudo mais regular da Doutrina Espírita.

b) Criação de uma reunião mensal de trabalhadores com vistas à manutenção tanto doutrinária, como administrativa, dos trabalhos desenvolvidos pela Casa.

c) Estabelecimento de diretrizes e normas para nortear as atitudes da Casa. O trabalho de elaboração deste documento deve contar com a contribuição de todos, prevalecendo, no entanto, aquelas contribuições que não conflitem com os propósitos espíritas. Neste sentido, o opúsculo "Orientação ao Centro Espírita" (CFN/FEB), editado pela FEB, apresenta-se como valiosa contribuição, em face da sua objetividade, abrangência e fidelidade doutrinária.

d) Participação mais constante nos cursos, treinamentos, reciclagens e encontros para troca de experiências, promovidos pela entidade federativa estadual.

e) Preparação, na medida do possível, de substitutos para as diversas atividades, a fim de que eventuais impedimentos ou rotatividade de trabalhadores não venham a prejudicar ou mesmo paralisar os serviços que estão sendo prestados.

f) Distribuição, junto aos trabalhadores, de cópias de artigos ou documentos de cunho doutrinário ou da administração do Centro Espírita que apresentem novos subsídios para a dinâmica dos trabalhos ou mesmo que reforcem os procedimentos já existentes na Casa.

No estágio em que se encontra hoje a difusão e prática do Espiritismo não há mais espaço para improvisações e perda de tempo, pois muitos são os necessitados que buscam os seus benefícios e grandes são suas expectativas, uma vez que na maioria dos casos acompanham-nos a decepção experimentada em outros segmentos da sociedade, encarregados de presta-lhes orientação, assistência e socorro.

A fase de transição que estamos vivenciando na Humanidade requer organização e preparo quando do cumprimento de nossas obrigações na seara espírita. Cada vez mais a boa vontade deve unir-se a uma consciente capacitação para o trabalho, principalmente para aquele que o Espiritismo se propõe a realizar, pois toda a prática espírita, além de ter característica própria, requer contato constante com a criatura humana, seja ela encarnada ou desencarnada, o que a diferencia daquelas de caráter burocrático, mecânico ou tecnocrático existentes no dia-a-dia profissional das pessoas.

Convém no entanto salientar que, quando falamos da necessidade de o Centro Espírita melhor capacitar seus colaboradores para o desempenho de suas atividades, não estamos propondo nem uma elitização de grupos de trabalho, nem tão pouco a profissionalização dos trabalhadores da Casa Espírita, o que, com toda certeza, conflitaria com as características de simplicidade e humildade que devem reger as atividades espíritas, além, obviamente, de inibir um contingente de colaboradores que se sentiriam inferiorizados por não se enquadrarem nos requisitos exigidos para se incorporar à dinâmica de trabalho da Casa. Não queremos com isso dizer que a experiência profissional inerente à tarefa que se venha a desempenhar, quando devidamente adequada às orientações espíritas, seja desprezível; na realidade o que se pretende é que a Instituição Espírita, cada vez mais, melhore seu nível de desempenho no trabalho incessante do Cristo de conduzir a criatura humana à sua reforma moral com vistas à construção de uma nova Humanidade, mais feliz, fraterna e pacífica.

Desta forma, nunca será demais incluir, nas prioridades administrativas e funcionais do Centro Espírita, programas e procedimentos voltados para a Formação de Recursos Humanos, o que, com certeza, garantirá a continuidade, qualidade e excelência dos trabalhos propostos e realizados pela Instituição à luz do Espiritismo.

Atividades Administrativas do Centro Espírita

a) - Manter organização própria, segundo as normas legais vigentes, compatível com a maior ou menor complexidade de cada Centro e estruturada de modo a atender às finalidades do Movimento Espírita;

b) - estabelecer metas para o Centro Espírita em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas e avaliando seus resultados;

c) - facilitar a efetiva participação dos freqüentadores nas atividades do Centro Espírita;

d) - estimular o processo de trabalho em equipe;

e) - dotar o Centro Espírita de locais e ambientes adequados, de modo a atender, em primeiro lugar, às atividades prioritárias;

f) - zelar para que as atividades exercidas em função do Movimento Espírita sejam gratuitas, vedada qualquer espécie de remuneração;

g) - não envolver o Centro Espírita em quaisquer atividades incompatíveis com a Doutrina Espírita;

h) - aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios, de qualquer natureza e procedência, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter espírita da Instituição ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízo das finalidades doutrinárias, preservando, assim, a total independência administrativa da Entidade.

(Transcrito de A Adequação do Centro Espírita para o melhor atendimento de suas finalidades, in “Orientação ao Centro Espírita”, 4ª ed. FEB, 1996.)

REVOGAÇÃO DA OBRIGATORIEDADE DO DESMEMBRAMENTO DAS ENTIDADES FILANTRÓPICAS DE CUNHO RELIGIOSO

I) CERTIFICADO DE ENTIDADE DE FINS FILANTRÓPICOS

O então Conselho Nacional do Serviço Social (CNSS), pela Resolução nº13, de 5-8-1993, obrigava as entidades beneficentes de cunho religioso a promoverem o seu desmembramento. Ou seja, constituírem uma nova entidade, com personalidade jurídica própria, para administrar suas atividades assistenciais, sob pena do cancelamento do registro do CNSS.

A Resolução nº 13/93, do CNSS, fundava-se, equivocadamente, no que estatui o art. 19, inciso I, da Constituição Federal:

“Art.19 - É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal, e aos Territórios: I - Estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.(...)”

O CNSS, ao interpretar esse dispositivo constitucional, e por não ter apreendido corretamente o seu alcance, concluiu que o mesmo se constituía em norma impeditiva para a concessão do Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos às entidades religiosas que, cumulativamente, com tais atividades patrocinassem outras, de cunho assistencial. A União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), consultando o eminente jurista Dr. José Náufel a esse respeito, e tendo ele mesmo apresentado elucidativo parecer, demonstrando que a exigência do CNSS era de todo inconstitucional, enviou-o, de imediato, ao Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira (CFN/FEB).

Na reunião de novembro de 1993, o CFN/FEB, examinando o referido parecer, decidiu por unanimidade recorrer ao Chefe do Poder Executivo. O Presidente da Federação Espírita Brasileira, Juvanir Borges de Souza, diante da decisão do CFN/FEB, submeteu a questão ao Exmo. Sr. Presidente da República, demonstrando a inconstitucionalidade e a ilegalidade daquele ato administrativo do CNSS.

Determinada, pelo Presidente Itamar Franco, a audiência do Douto Advogado-Geral da União, manifestou-se, este, contrariamente aos fundamentos da Resolução nº 13/93 do CNSS, através da Nota AGU/LA nº 2/94, considerando que as limitações impostas no art. 19, inciso I, da Constituição Federal de 1988, às igrejas e cultos religiosos e à colaboração de interesse público destas, aguardavam, ainda, disciplinamento legislativo.

Curvando-se ao Parecer do Advogado-Geral da União, o Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) por meio da Resolução nº 15, de 7-4-1994, publicado no D.O.U. de 19-4-1994, **revogou** a Resolução nº 13/93 do então CNSS.

II) UTILIDADE PÚBLICA FEDERAL

O Manual para Requerimento de Concessão do Título de Utilidade Pública Federal pelo Ministério da Justiça, editado em 1990, também adotava o mesmo procedimento equivocado do CNSS, com base na interpretação incorreta do art. 19, inciso I, da Constituição Federal.

A USEERJ, observando que muitas Instituições Espíritas do Estado do Rio de Janeiro estavam sendo prejudicadas em seus direitos pela aplicação desse Manual, elaborou duas petições: a primeira, endereçada ao Exmo.Sr. Ministro da Justiça, requerendo alteração do citado documento, considerando a Nota nº 2/94 do Advogado-Geral da União, que suscitou a revogação da Resolução nº 13/93 do CNSS, anexando outro parecer do jurista Dr. José

Náufel, sustentando a **tese da inconstitucionalidade** da exigência adotada naquele Manual de Requerimento; a segunda foi enviada ao Dr. Geraldo Quintão, Advogado-Geral da União, em 27 de novembro de 1996, pleiteando a ingerência junto ao Ministério da Justiça, no sentido de que procedesse à alteração do Manual, no item que exigia modificação dos estatutos das entidades Religiosas/Assistenciais e sua dissociação.

Diante dessa solicitação, o Dr. Geraldo Quintão, Advogado-Geral da União, enviou ao Ministro da Justiça o Aviso nº 1220/AGU/96, de 27-12-1996, acolhendo a petição da USEERJ. Em razão desse Aviso, a Secretaria de Justiça, do Ministério da Justiça, enviou correspondência à USEERJ, datada de 6-1-1997, esclarecendo que as análises dos pedidos de Títulos de Utilidade Pública Federal não mais se baseiam nas instruções contidas no referido manual de requerimento, com base na Portaria nº 131, de 6-3-1996, assinada pelo Exmo. Sr. Ministro da Justiça, Nelson A. Jobim.

Importante ressaltar que essa portaria adota, em relação às Entidades já desmembradas, o tempo de seu efetivo funcionamento, valendo, para tanto, a data constante no Registro original do Estatuto no Cartório competente. Dessa forma, corrigiu a indevida exigência relativa à obrigatoriedade de três anos de funcionamento, para a nova Entidade, fruto do desmembramento, para obter o Título de Utilidade Pública Federal.

Finalmente, ressaltamos a força inequívoca das atividades unificacionistas do Movimento Espírita pelo empenho e pela ação decisiva de todos os seus órgãos, que possibilitaram, não só às Instituições Espíritas, mas às de outras denominações religiosas, gozarem plenamente dos direitos assegurados pela Constituição de nosso País.

Rio de Janeiro, 10 de julho de 1997.

GERSON SIMÕES MONTEIRO
Presidente da USEERJ

FEB - CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

COMISSÕES REGIONAIS

REUNIÃO ORDINÁRIA DA COMISSÃO REGIONAL NORTE

A reunião Ordinária da Comissão Regional Norte, do Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira, realizou-se este ano, de 13 a 15 de junho, em Macapá, Capital do Amapá, na sede do SENAC, com a participação de todas as Federativas Estaduais da Região: Federação Espírita do Estado do Acre (FEEAC), Federação Espírita do Amapá (FEAP), Federação Espírita Amazonense (FEA), União Espírita Paraense (UEP), Federação Espírita de Rondônia (FERO) e Federação Espírita Roraimense (FER). O número de participantes, por Estado, foi o seguinte: Acre, 5; Amapá, 45; Amazonas, 9; Pará, 11; Rondônia, 4; Roraima, 1.

A representação da Federação Espírita Brasileira era composta pelos Vice-Presidentes Nestor João Masotti e Altivo Ferreira; o Diretor José Carlos da Silva Silveira, as Coordenadoras de Áreas Márcia Borges e Maria Túlia Bertoni; e o Secretário da C. R. Norte, Alberto Ribeiro de Almeida.

SESSÃO DE ABERTURA

A sessão de abertura dos trabalhos da Comissão Norte iniciou-se às 19 horas de sexta-feira, dia 13, com prece e saudação aos participantes pelo Presidente da Federação Espírita do Amapá, Luiz Gonzaga Pereira de Souza, cabendo a sua direção ao Coordenador das Comissões Regionais, Nestor João Masotti, que prestou esclarecimentos gerais sobre a importância da Reunião e a pauta de assuntos que seriam abordados. Os representantes das Federativas Estaduais fizeram a apresentação dos membros de suas delegações e relataram as atividades desenvolvidas com o lançamento e manutenção da Campanha de Divulgação do Espiritismo em seus Estados, que se caracterizaram pelo entusiasmo e criatividade demonstrados em toda a Região Norte. Merece registro a iniciativa das Federativas do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima, que trabalharam em parceria na elaboração do material e na divulgação da Campanha. A Coordenadora da Área de Infância e Juventude, Márcia Borges, falou sobre os 20 anos da Campanha Permanente de Evangelização Espírita Infanto-Juvenil e exibiu os cartazes e folhetos promocionais do evento, que culminará com o III Encontro Nacional de Diretores de DIJs, na sede da FEB, em Brasília, de 24 a 26 de outubro deste ano.

REUNIÃO GERAL

Na manhã de sábado (dia 14), reuniram-se os membros das delegações para a prece inicial e as instruções sobre o desenvolvimento dos trabalhos. A seguir, os integrantes das Áreas de Infância e Juventude, Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita e comunicação Social Espírita retiraram-se para as salas onde realizariam suas atividades.

A Reunião Geral dos Representantes das Federativas teve curso com os seguintes participantes: pela FEB - Nestor João Masotti (Coordenador), Altivo Ferreira e Alberto Ribeiro de Almeida (Secretário); pelas Federativas Estaduais: Acre - Raimundo Dias Paes (FEEAC, Presidente); Amapá - Luiz Gonzaga Pereira de Souza (FEAP, Presidente) e Augusto Cezar Barbosa Brito, Assessor; Amazonas - Dori Vânia da Costa Cunha (FEA, Vice-Presidente) e Sandra Farias de Moraes, Assessora; Pará - Jonas da Costa Barbosa (UEP, Presidente);

Federação Espírita de Rondônia - Maria Dulcinea Capelossa (FERO, Vice-Presidente); e Roraima - Wagner do Carmo Costa (FER, Presidente).

Aprovada a ata da Reunião de 1996, o Coordenador submeteu à consideração das Federativas o documento *Diretrizes de Funcionamento* da Área de Assistência e Promoção Social Espírita, que foi aprovado por unanimidade. Os componentes dessa Área retiraram-se para outra sala, onde discutiram o texto do documento e outros assuntos correlatos. Também foi apresentado o documento sobre a organização e implementação da Área de Assistência Espiritual e Atividade Mediúnic, cujas *Diretrizes de Funcionamento* ficaram como subsídio para a próxima reunião, quando a Área deverá ser implantada.

Em prosseguimento aos assuntos da Pauta, os Representantes das Federativas fizeram a avaliação do trabalho desenvolvido com base no assunto central da reunião anterior: "Reunião de Assistência Espiritual no Centro Espírita - Informações e Experiências". Em seqüência, passou-se ao assunto principal da Reunião: "O Trabalho de Unificação - conscientização e prática". As Federativas Estaduais apresentaram documentos escritos ou relatos verbais sobre as atividades desenvolvidas em seus Estados, com o objetivo de organizar e consolidar o trabalho de Unificação junto às Casas Espíritas. O Coordenador, Nestor João Masotti, tratou com as Federativas sobre a atualização do Cadastro de Entidades Espíritas e deu notícia sobre a próxima reunião do Conselho Espírita Internacional, em Paris (França), de 2 a 5 de outubro próximo, e sobre o 2º Congresso Espírita Mundial, a realizar-se em Lisboa (Portugal), de 30 de setembro a 3 de outubro de 1998, com o tema "O Espiritismo ante o Terceiro Milênio".

A próxima reunião será em Manaus (AM), de 5 a 7 de junho de 1998, com o assunto: "Avaliação e dinamização do Trabalho de Unificação - conscientização e prática".

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

A sessão plenária de encerramento da Reunião Ordinária da Comissão Regional Norte ocorreu na manhã de domingo. Nestor comentou os trabalhos da Reunião Geral e os coordenadores das Áreas específicas relataram as atividades dos seus grupos, a seguir sintetizadas:

a) Área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, coordenada por José Carlos da Silva Silveira: Presentes 5 Federativas e 14 participantes, foram tratados os assuntos relativos à preparação de um Cadastro de Entidades e Atividades do SAPSE e a elaboração de um Manual de Apoio ao Dirigente Espírita com vistas ao Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita. A FEB apresentou um esboço do texto do Manual para estudo. Esses assuntos terão prosseguimento na próxima reunião.

b) Área de Infância e Juventude, coordenada por Márcia Borges: O grupo contou com 25 participantes, que relataram as atividades e experiências na Evangelização Infante-Juvenil. Foi apresentado e comentado o "Projeto 20 anos", de forma a esclarecer sobre seus objetivos, sua justificativa, e a importância da divulgação nas Casas Espíritas da comemoração dos 20 anos da Campanha Permanente de Evangelização Infante-Juvenil, com entrega de cartazes e folhetos. Noticiou-se a realização do III Encontro Nacional de Diretores de DIJs, em Brasília (24 a 26-10-97). Discutido o tema "Formação do Evangelizador nos aspectos doutrinários, afetivos, morais e sociais", vários pontos foram ressaltados, com vistas às carências e experiências da Área nas Federativas e Casas Espíritas. O assunto da próxima reunião será "A Importância do Estudo da Doutrina Espírita para o Evangelizador", com abordagem dos aspectos de pureza doutrinária bibliografia recomendada e metodologia de estudo. Observou-se, de modo geral, um grande avanço e um visível crescimento do trabalhador de Evangelização Espírita Infante-Juvenil nos Estados da Região Norte.

c) Área do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, coordenada por Maria Túlia Bertoni: Integrado por 17 membros, o grupo relatou as experiências do ESDE em cada Estado e discutiu o assunto da pauta - "Critérios de Avaliação da Tarefa do ESDE", chegando à conclusão da necessidade de um melhor preparo do monitor para seu desempenho. Após a análise dos Instrumentos de Avaliação, concluiu-se também que, embora adaptados às realidades das Federativas, devem ser mantidos os mesmos critérios estabelecidos. Com dados fornecidos pelas Federativas, foi elaborada uma planilha demonstrativa da ocupação do ESDE na Região Norte, que totalizou 50% das Casas Espíritas com ESDE. Tema para a próxima reunião: "Análise dos Cursos para a Capacitação do Monitor efetuados no âmbito da Região".

d) Área de Comunicação Social Espírita, coordenada por Marilucia Monteiro da Rosa, da União Espírita Paraense: Os 14 integrantes do grupo relataram as atividades de suas Federativas e fizeram proveitosa troca de experiências, havendo destaque para a Campanha de Divulgação do Espiritismo, com apresentação do material de divulgação elaborado pelas setores de Comunicação Social Espírita de cada Entidade. No item da pauta acerca da realização de minicursos sobre Radiofonia e Jornalismo, contou-se com a colaboração do radialista José Ney, da Radio-difusora do Amapá, e do jornalista Renivaldo Costa, da Rede Marco Zero, os quais trouxeram esclarecimentos técnicos relevantes nas áreas de comunicação pelo rádio e pelo jornal impresso, respectivamente. Tratou-se do Encontro Interestadual de Comunicação Social Espírita, com sugestão para que seja realizado em abril de 1998, em local a ser escolhido pelas Federativas Estaduais, com o tema: "Organização e Estrutura da Área de Comunicação Social Espírita nas Federativas e nos Centros Espíritas". Para a próxima reunião foi escolhido o tema "Experiência, por escrito, em forma de projeto, de curso para a formação de orador/palestrante espírita, promovido pela Federativa, enfocando os aspectos da Comunicação Social Espírita". Será também feita a avaliação e acompanhamento do Projeto SACIAR - Serviço Alternativo de Comunicação, Integração e Acompanhamento Regional", apresentado na Reunião de 1996, e que deverá ser implementado através da Federação Espírita Amazonense.

Nas considerações finais e palavras de despedida dos Representantes das Federativas e do Coordenador dos trabalhos, houve manifestação unânime de louvor e agradecimento pela harmoniosa e fraterna recepção, como anfitriã, da Federação Espírita do Amapá, através de seus dirigentes e colaboradores. A prece final foi proferida por Dori Vânia da Costa Cunha, do Amazonas, cuja Federativa sediará a reunião de 1998.

-//-

Curso de Preparação de Evangelizadores da Infância e da Juventude

A convite da Federação Espírita Piauiense, a Federação Espírita Brasileira promoveu um Curso de Preparação de Evangelizadores da Infância e da Juventude em Teresina (Piauí) no período de 27 a 29 de junho do corrente ano, que contou com a participação de cerca de oitenta interessados, tanto da Capital como do Interior do Estado.

Para alcançar os objetivos previstos, procurou-se sensibilizar os Evangelizadores e os candidatos à Evangelização para a importância e a necessidade da tarefa de evangelizar, capacitando-os nos aspectos didático-pedagógicos indispensáveis à melhoria do desempenho de cada um deles em sala de aula, além de buscar-se a unidade de propósitos e de métodos de trabalho que devem nortear as atividades da Evangelização Infanto-Juvenil.

O conteúdo programático desenvolvido durante o curso abrangeu aspectos evangélico-doutrinários e pedagógicos.

Visando a uma melhor dinamização do curso, nossas companheiras Rute Ribeiro e Sandra Maria Borba Pereira desenvolveram técnicas de ensino variadas, ensejando a participação ativa dos cursistas nas discussões e na realização dos trabalhos orientados. Para isso, lançou-se mão de alguns recursos didáticos tais como: livros-textos, apostilas, planos de aula, álbum seriado, pintura, recorte, cartazes, retroprojeter, televisão e videocassete, motivando, de forma mais efetiva, os alunos presentes e facilitando a fixação dos ensinamentos que lhes foram transmitidos naquela ocasião.

-//-

A FARSA DOS JULGAMENTOS DE JESUS

WASHINGTON LUIZ NOGUEIRA FERNANDES

I

Uma Análise Jurídica

Na história da Humanidade, nunca houve tanta repercussão e fama para o veredicto e condenação de uma pessoa, como ocorre com os processos de julgamento e a sentença decretada contra Jesus de Nazareth, há dois mil anos, que determinaram a sua crucificação. Apesar de ser o Evangelho a base ética da Doutrina Espírita, mais interessando seus princípios morais, não seria descabido tentar comentar certos aspectos da vida de Jesus, no caso, seus julgamentos e condenação visando a aperfeiçoar a compreensão história de um homem que mudou a história do mundo. Para isso, escolhemos analisar juridicamente os vários julgamentos pelos quais Ele passou, com todas as implicações histórico-literárias, considerando principalmente dois grandes tribunais: perante o sinédrio, o tribunal religioso dos judeus, e perante o pretório, no julgamento civil dos romanos. Para isso, optamos pela metodologia de circunscrever a nossa análise unicamente a esses fatos, “recortando-os e retirando-os” da história, como quando com um microscópio investigamos um material específico, estudando-o em si mesmo, para depois recolocá-lo no contexto, tentando, com isso, extrair dele o maior número possível de informações para o seu melhor entendimento. Por isso, não consideraremos, por exemplo, julgamentos posteriores como os de Estêvão, Paulo, Pedro, etc., e também não nos ocuparemos de fatos paralelos importantes, mas que fogem dos limites do presente como, por exemplo, a negação de Pedro, o suicídio de Judas, o sonho da esposa de Herodes, a execução da sentença (crucificação), etc. Esclarecemos, desde logo, que a intenção é apenas fazer uma análise jurídica de importantes fatos para a história da Humanidade, de modo algum objetivando encontrar culpados e inocentes nestes julgamentos, merecendo todos, cristãos, romanos, e judeus, o nosso maior respeito e veneração, não se podendo admitir que eventuais erros de algumas individualidades fossem transmitidos às gerações, ou que pudessem ensejar animosidades, o que seria, acima de tudo, a falta de amor a Deus.

Sobre as fontes disponíveis

Para este artigo nos valeremos das únicas fontes disponíveis a respeito, quais sejam, os relatos dos quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), que - necessário reconhecer - representam um valioso acervo de informações, para fatos passados tão distantes no tempo. No entanto, estamos conscientes dos limites que possuem para um trabalho como este a que nos propomos, porque os evangelistas não escreveram tratados de história, muito menos seus livros têm o valor de peças jurídicas para instruir processos. Sabemos que seus escritos tiveram em mente o aspecto religioso, de fé, enfatizando a mensagem do Mestre, que é o mais importante, sem a preocupação de estabelecer preciosismos históricos ou processuais. Por exemplo, é claro que nunca poderíamos encontrar nos evangelistas “todas” as perguntas feitas a Jesus, nos interrogatórios a que Ele foi submetido, nos dois tribunais, ou precisamente quais foram, de que natureza, a seqüência precisa dos atos processuais, etc. Afinal, eles não eram “escrivães” para registrar processualmente as audiências. Admitem-se, sim, as fontes como verdadeiras, mas, naturalmente, subordinadas aos limites individuais de seus autores, como quatro pessoas que

relatam o mesmo fato, conforme sua formação (por exemplo, Lucas era médico e Mateus publicano), sua capacidade individual, admitindo-se os evangelistas como inspirados mas não infalíveis como sustentado, teologicamente, por algumas doutrinas religiosas. Não nos esqueçamos, também, de que, na época, não havia *gravadores*, que habilitassem os evangelistas a reproduzir “exatamente” o que era dito, as palavras corretas, de modo que um vocábulo hoje para nós tem um grau de importância e precisão que antes não possuía, considerando, além disso, que as fontes foram constituídas e chegaram até nós através principalmente da chamada “tradição oral”. Assim, o fato de existirem informações que não estejam em todos os evangelistas nada representa, e não invalida essas fontes, pois pode ocorrer que um possua mais informações do que outro, acerca de um fato, ou seja mais detalhista, ou tenha querido destacar um aspecto, além do que, cada um teve em vista um público específico. Isto vale também para o caso de informações aparentemente contrárias. Por essa razão, não seria correto dizer que as narrações dos evangelistas são “quatro versões” para a mesma história, mas sim, todas são fontes valiosas para reconstituí-la e compreendê-la. Também, sabemos que os escritos antigos, principalmente os religiosos, eram envolvidos por uma grande parcela de simbologia, cabalista e secreta, que podem escapar ao nosso entendimento mais imediato, afastando, então, em nós, a pretensão de ter a capacidade de tudo abarcar ou de sermos donos da verdade... Mas o estudo exclusivo dessas fontes, os evangelistas, terá futuramente sua particular e merecida abordagem.

Os chamados Evangelhos sinóticos

Por Evangelhos sinóticos se conhecem os relatos de Mateus, Marcos e Lucas, que apresentam uma forma sintética e um tipo padronizado para descrever a vida de Jesus. João não se enquadra nesta classificação, tendo em vista a descrição diferenciada que faz da passagem de Jesus, em estilo mais teológico, buscando o sentido profundo de Sua existência e de Sua mensagem. Apesar dos sinóticos muito se assemelharem, comentaremos um a um, comparativamente, identificando detalhes diferentes, os quais são muito importantes para um estudo como este. A fim de facilitar o desenvolvimento do texto, utilizamos o método comparativo. Para tanto, consultamos várias traduções da Bíblia, católicas e protestantes e, devido ao elevado número de divergências, socorremo-nos, também, dos textos evangélicos no idioma original, qual seja, o grego, com exceção do de Mateus, escrito em hebraico, mas depois também vertido ao grego; além disso, buscamos ainda a Vulgata, versão ao latim da Bíblia e que é, para a Igreja Católica, a versão oficial, tradução essa realizada por S. Jerônimo (c.347 -c. 419), com base em textos massoréticos, isto é, da tradição judaica.

O PLANEJAMENTO DA PRISÃO DE JESUS

MATEUS:

Cap. 26:3-5 - Então os sumos sacerdotes e os anciãos do povo (1) congregaram-se no pátio (2) do Sumo Sacerdote (3) que se chamava Caifás (4), e decidiram juntos que prenderiam a Jesus por um ardil (5) e o matariam (6). Diziam, contudo: Não durante a festa (7), para não haver tumulto no meio do povo (8).

(1) - Em algumas traduções aparecem também escribas e magistrados do povo; curiosamente, nem na Vulgata, nem no original grego, aparecem estas citações;

(2) - Em algumas traduções aparecem átrio, sala, palácio. A Vulgata cita in atrium principis sacerdotum (no átrio do principal sacerdote, o sumo sacerdote). A palavra grega original é

aulen. (gr. aulé), que pode significar morada, residência e também pátio. Pelo caráter reservado do encontro, o mais certo é admitir que tenha sido na intimidade da residência e não em lugar descoberto, como sugerem as traduções pátio ou átrio.

(3) - Sumo sacerdote (sumo sacerdote, gr. arksiereus, éos -; lat. principis sacerdotum-principal sacerdote) era o chefe da hierarquia judaica, símbolo das aspirações do povo; Aarão, irmão de Moisés, foi escolhido para ser o primeiro (Ex., caps. 28 e 29); inicialmente, o sumo sacerdócio se transmitia em linha direta pelos primogênitos; com a dominação romana, a partir da sétima década a. C., o sumo sacerdote, designado vitaliciamente, passou a ser destituível ao bel-prazer dos governadores romanos, que imaginaram com isso ter um meio de controlar os judeus. Esta situação gerou uma inevitável aproximação dos que ocupavam a cúpula judaica com os dominadores romanos, para os quais eram os porta-vozes, não se descartando a troca de favores, detalhe esse que parece desempenhar um grande papel na condenação de Jesus, conforme veremos à frente. Por outro lado, como conseqüência, ao mesmo tempo criou um distanciamento da liderança judaica em relação ao povo, tendo em vista aqueles passarem a desfrutar de várias benesses, sendo poucos os que podiam pagar os custos do ofício, que ficava reservado aos ricos e à aristocracia. Aos olhos do povo, apesar do prestígio de liderança, eram considerados colaboradores dos romanos; atualmente, existem muitas controvérsias sobre a real competência que tinha esta função. Um detalhe que pode ser aqui destacado é que, por exemplo, o sumo sacerdote Caifás foi mantido no cargo por Pilatos até este sair da governadoria da Judéia, o que é sinal insofismável de que mantinham boas relações e muito sugestivo para a compreensão da trama contra Jesus.

(4) - Caifás foi sumo sacerdote judeu designado em 18 d.C., por Valério Grácio, predecessor de Pilatos; em 36 d.C., foi destituído.

(5) - Em algumas traduções, aparecem “em dolo”, com astúcia, em engano, traiçoeiramente, segredo. Percebe-se que em algumas versões traduz-se o motivo da prisão, enquanto noutras considera-se o modo e a forma pela qual ela foi feita; na Vulgata aparece *ut Iesum dolo tenerent* (e pegarem Jesus com dolo; lat. *dolus*, i - dolo, astúcia; *teneo*, es, ter, pegar); no original grego aparece *lesoun dólo kratésosin* (dominarem Jesus com astúcia, com estratagema; gr. *dólos*, ou, astúcia; *kratéo*, *krátos*, agarrar, dominar). Portanto, a melhor tradução, conforme texto original, é a forma pela qual foi feita a prisão, e não o seu motivo.

(6) - Ora, isto demonstra que Jesus estava condenado antes do julgamento perante o sinédrio, o qual serviria apenas para dar aparências de legalidade à pena de morte já decretada...

(7) - A festa referida era a páscoa (heb. *pessach*; gr. *paskha*) judaica, celebrando o êxodo, isto é, a saída dos judeus do Egito, no séc. XIII a.C.

(8) - Indicação de que a decisão tomada se restringia às lideranças.

MARCOS:

Cap. 14:1-2 - A páscoa e os ázimos seriam dois dias depois, e os sumos sacerdotes e os escribas (9) procuravam prendê-lo por meio de um ardil (10) para matá-lo (11). Pois diziam: “Não durante a festa (12), para não haver um tumulto do povo (13).”

(9) - No original grego, os escribas agora são mesmo citados: *Gramateus* (gr. *gramateus*, is-escriba).

(10) - No original grego deste evangelista e na Vulgata, a palavra que aparece é também *dolo*; v. nota (5)

(11) - Outra citação que confirma a prévia condenação.

(12) - A festa é a páscoa judaica, conforme citação expressa no início. v. tb nota (7)

(13) - Outra citação que confirma que a decisão se restringia às lideranças.

LUCAS:

Cap. 22: 1-2 - Aproximava-se a festa dos Ázimos (14), chamada páscoa. E os sumos sacerdotes e os escribas (15) procuravam (16) de que modo eliminá-lo (17), pois temiam o povo (18).

(14) - Ázimos são os pães feitos sem fermento, levedura, sendo só estes pães que poderiam ser ingeridos quando da páscoa judaica, e na semana seguinte.

(15) - No original grego, também aparecem os escribas.

(16) - Em Lucas, não é apontada uma reunião onde decidiram prender e condenar Jesus. Aqui a decisão já estava tomada, e eles apenas procuravam justificativas para apresentar ao povo, pois o temiam, o que enfatiza decisivamente a idéia de que eles não encontravam apoio da maioria;

(17) - Em Lucas, também não se afirma até aqui qual o fundamento para condenar Jesus, apesar da decisão já estar definida;

(18) - mais uma citação que confirma que o movimento contra Jesus se restringia aos líderes.

JOÃO:

Cap. 11: 46-57 - Mas alguns deles (judeus) foram ter com os fariseus, e disseram-lhes o que Jesus tinha feito (19). Depois os principais dos sacerdotes e fariseus (20) formaram conselho, e diziam: Que faremos? porquanto este homem faz muitos sinais (21). Se o deixarmos assim, todos crerão nele, e virão os romanos, e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação (22). E Caifás, um deles que era sumo sacerdote naquele ano, lhes disse: Vós nada sabeis. Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação (23). Ora ele não disse isto de si mesmo, mas, sendo o sumo sacerdote naquele ano, profetizou (24) que Jesus devia morrer pela nação. E não somente pela nação mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus, que andavam dispersos (25). Desde aquele dia, pois consultavam-se para o matarem. Jesus, pois, já não andava manifestamente entre os judeus, mas retirou-se dali para a terra junto do deserto, para uma cidade chamada Efraim; e ali andava com seus discípulos (26). E estava próxima a páscoa dos judeus, e muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da páscoa para se purificarem. Buscavam pois a Jesus, e diziam uns aos outros, estando no templo: Que vos parece? Não virá à festa? Ora, os principais dos sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para que, se alguém soubesse onde ele estava, o denunciasse, para o prenderem (27).

(19) - Jesus tirara Lázaro do estado de morte aparente, o que foi tomado como ressurreição.

(20) - Neste evangelista aparecem também os fariseus tomando parte no planejamento da prisão de Jesus.

(21) - Em algumas traduções, encontramos “maravilhas”, “milagres”. Na Vulgata, encontramos *hic homo multa signa facit* (este homem faz muitos sinais); no original grego aparece a palavra *snmeia* (gr. *snmeion*, *snemeia*), que pode ser traduzida também como prodígios, que parece ser o sentido mais acertado.

(22) e (23) - Aqui aparece um dos fundamentos dos líderes judeus para a prisão de Jesus, que seria o temor de que Ele, que rompia com os rituais e a parte formal da Lei Mosaica, dos quais os fariseus eram os expoentes, pudesse cativar o povo, causando uma mudança na estrutura religiosa vigente. Isto significaria um enfraquecimento político em relação aos romanos, os quais estavam sob dominação mas, de qualquer forma, mantinham um elo de dependência para se manterem, principalmente os da cúpula judaica; v. nota (3)

(24) - Aqui aparece outro fundamento, bem enfatizado por Caifás, para a prisão e morte de Jesus, que seria a salvaguarda ideológica da nação judaica, que estava dispersa, e precisava de um bom motivo para reunir-se em torno de uma justificativa, motivando sentimentos nacionalistas.

(25) - No original grego aparece *éproféteysen* (profetizou, gr. profeteyo-) na Vulgata aparece *prophetavit* (lat. *prophetizō*, as, are; - profetizou, predisse); em hebraico, *nabi*. Aqui não podemos deixar de comentar um detalhe histórico-espiritual muitíssimo importante. Na Doutrina Espírita, em “O Livro dos Espíritos”, quest. 868 a 872, em “O Livro dos Médiuns”, cap. XVI, nº 190, cap. XXVI, nº 289, em “A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo”, cap. XVI e XVII, Allan Kardec estudou o tema do conhecimento do futuro, das profecias e das premonições, em que os Espíritos explicaram que são modalidades de faculdades mediúnicas, onde profecia seria o conhecimento do futuro de fatos gerais, de maior relevo, enquanto premonições seriam referentes a fatos de menor expressão, de valor mais pessoal. No Antigo Testamento, que tem 47 livros, em que 18 são de profetas, muito comum aparecer a expressão profetizar, significando aquele que prevê acontecimentos futuros e fala em nome de Deus. Porém, neste trecho do Evangelho, fica mais do que evidente que Caifás, profetizando, não falava em nome de Deus, mas em “nome de si mesmo”, ou, melhor dizendo, em nome de seus interesses e, como era o sumo sacerdote, sua palavra tinha autoridade de profecia e o peso da infalibilidade. Este é também um detalhe que demonstra o relativismo das Escrituras, competindo ao leitor atento discernir as verdadeiras profecias dos desejos e opiniões pessoais, separando o joio do trigo.

(26) - Este retiro de Jesus a Efraim é também uma informação nova, não trazida pelos sinóticos.

(27) - Este é também um fato que não se encontra nos outros evangelistas, mas não os contradiz, apenas informando mais um detalhe para a prisão de Jesus.

COMENTÁRIOS

Através das citações vistas, extraímos quatro detalhes importantes, dos quais os três primeiros encontram-se nos sinóticos: a) - a decisão de matar Jesus partiu de alguns líderes da comunidade judaica, reunidos em intimidade; b) - esta decisão não encontrava nenhum respaldo do povo, daí a opção de não prendê-lo no dia de festa para não criar tumulto; se a decisão tivesse apoio popular, ou pelo menos da maioria, não haveria motivo para tal precaução; c) - Jesus foi condenado pelos judeus antes de ser julgado; d) - o último detalhe, somente encontrado em João, que traz valiosas informações sobre a trama para a prisão de Jesus, é que a motivação inicial dos judeus para prender Jesus que desencadeou o processo que culminou na Sua crucificação, foi baseada em fundamentos de ordem política e não religiosa, no caso, a ameaça de ruptura com as tradições judaicas, não na parte moral, que Ele não contrariava, mas a cumpria, mas na parte formal e ritualística. Naturalmente, isto levaria a um enfraquecimento político perante os romanos, em prejuízo principalmente das lideranças. Também havia a conveniência de encontrar um “bode expiatório”, apresentado como um inimigo do judaísmo, que afinal não o era, mas motivando sentimentos nacionalistas, reagindo assim contra a dispersão religiosa então predominante, em face das sucessivas escravidões. Estes detalhes têm muito peso se considerarmos que o Evangelho segundo João foi o último a ser escrito (c. de 110 d. C.), pressupondo-se que o autor estivesse mais amadurecido para considerar os fatos e tivesse obtido mais informações para escrever, ao contrário dos autores sinóticos, que escreveram ente 70 a 85 d. C.

A TRAIÇÃO DE JUDAS E A PRISÃO DE JESUS

MATEUS:

Cap. 26:14-16; 47-56 - Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes (28), foi ter com os príncipes dos sacerdotes. E disse: Que me quereis dar e eu vo-lo entregarei? E eles lhe pesaram trinta moedas de prata (29), e desde então, buscava oportunidade para o entregar. E, estando Ele ainda a falar, eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele grande multidão com espadas e varapaus (30), enviada pelos príncipes dos sacerdotes e anciãos do povo. E o que o traía tinha-lhes dado um sinal, dizendo: O que eu beijar (31) é esse; predeei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, disse: Eu te saúdo Rabi. E beijou-o. Então disse Jesus à multidão: Saístes, como para um salteador, com espadas e varapaus para me prender? Todos os dias me assentava junto de vós (32), ensinando no templo, e não me prendestes.

(28) - Iscariot, em hebraico, quer dizer “homem de Cariot”, uma aldeia de Judá, à qual ele pertencia.

(29) - O preço da traição significa, naturalmente, a preferência das coisas materiais em detrimento das espirituais, demonstrando que qualquer pessoa, em qualquer tempo, pode ainda estar “fazendo” ou “pagando” este preço...

(30) - A descrição de que havia uma multidão com espadas e varapaus para prender um homem pode demonstrar um temor dos judeus de que aquela ação não fosse bem recebida pelo povo e ensejasse reações, o que realmente aconteceu com Pedro (Jo, 18:10), que tomou da espada para ferir. Não deve ser desconsiderado também o sentido espiritual, sugerindo paixão e precipitação, acompanhada da violência, para agir, e o retribuir o mal com o bem, conforme esclareceu Jesus em seguida. Nesta descrição, o evangelista enfatiza que a multidão que estava presente havia sido mandada pelos líderes judeus, não significando que isto, necessariamente, queira dizer que estes líderes não estavam presentes, como descrito por outros evangelistas.

(31) - Ser um beijo o sinal da traição é um detalhe que não pode passar despercebido, e que naturalmente serve para dar ensinamentos espirituais. Nesta passagem o valor simbólico está bem caracterizado porque, como se observa em seguida, Jesus não precisaria de sinais para ser identificado, pois Ele mesmo disse que estava todos os dias com eles no templo; o próprio Herodes já tinha ouvido falar dEle (Lc, 23:8). Além do que, por muitos outros sinais se poderia identificar uma pessoa, ou mesmo só apontando, sem necessidade de aproximação. Pertinente considerar que em todos os povos o beijo tem sido a expressão do afeto, de veneração pessoal ou de fervor religioso, com exceção do beijo servil, em que o escravo beijava a manga ou a túnica de seu amo. E assim sendo, essa passagem encerra uma profunda lição, que enfatiza e multiplica o peso da traição, através de uma ação que traduziria afeição, mas que, em verdade, encerra a hipocrisia, de quem não assume os próprios atos, e quer manter as aparências.

(32) - Informação preciosa sobre a vida de Jesus, a de que Ele diariamente trabalhava, ensinando, promovendo a iluminação das consciências...

MARCOS:

Cap. 13:10 -11 - E Judas Iscariotes (33) um dos doze, foi ter com os principais dos sacerdotes para Lho entregar. E eles, ouvindo-o, folgaram e prometeram dar-lhe dinheiro (34); e buscava como entregaria em ocasião oportuna.

Cap. 14:43-49 - E logo, falando Ele ainda, veio Judas, que era um dos doze, da parte dos principais dos sacerdotes, e dos escribas e dos anciãos, e com ele uma grande multidão com espadas, e varapaus (35). Ora, o que o traía, tinha-lhes dado um sinal, dizendo: Aquele que eu beijar (36), é esse; prendei-o, e levai-o com segurança. E, logo que chegou, aproximou-se Dele, e disse-lhe: Rabi, Rabi. E beijou-O. E respondendo Jesus, disse-lhes: Saístes com espadas e varapaus a prender-me, como a um salteador? Todos os dias estava convosco ensinando no templo (37), e não me prendestes; mas isto é para que as Escrituras se cumpram.

(33) - v. nota (28).

(34) - v. nota (29).

(35) - v. nota (30).

(36) - v. nota (31).

(37) - v. nota (32).

LUCAS:

Cap. 22:3-6; 47-53 - Entrou, porém, Satanás em Judas (38), que tinha por sobrenome Iscariotes, o qual era o número dos doze. E foi, e falou com os principais dos sacerdotes, e com os capitães (39), de como lhe entregaria. Os quais se alegraram, e convieram em lhe dar dinheiro. E ele concordou: e buscava oportunidade para Lho entregar sem alvoroço. E, estando Ele ainda a falar, surgiu uma multidão; e um dos doze, que chamava Judas, ia adiante dela, e chegou-se a Jesus para o beijar (40). E Jesus lhe disse: Judas, com um beijo traís o Filho do homem (41)?... E disse Jesus aos principais dos sacerdotes, e capitães do templo, e anciãos, que tinham ido contra Ele: Saístes, como a um salteador, com espadas e varapaus? (42) Tenho estado todos os dias convosco no templo, e não estendestes as mãos contra mim, mas esta é a vossa hora e o poder das trevas.

(38) - Este é um aspecto novo trazido por Lucas, apesar de ter sido noticiado antes por João, por ocasião da última ceia (Jo, 13:2).

Na Vulgata aparece *Intravit autem Satanaz in Iudam* (mas entrou Satanás em Judas); no original grego aparece também *satanas* (*satanás*, gr.*satan*); em hebraico, *satan*. Em todos os idiomas, a palavra significava adversário, inimigo. A Doutrina Espírita esclarece que não existem seres votados eternamente para o mal, não tendo a palavra o sentido que tem em outras religiões, devendo-se entendê-la como sinônimo de espíritos inferiores. Em Lucas, possível que ele se refira à influência negativa em geral, no caso, a Judas, por trair Jesus, e que não poderia proceder de uma inspiração superior. A observação vale porque Lucas foi companheiro de Paulo, que tinha noções mais claras sobre a mediunidade e as influências espirituais, conforme se observa em suas epístolas. Esta referência não se encontra nos outros evangelistas.

(39) - Em algumas traduções aparecem principais sacerdotes e magistrados, pois na Vulgata aparece *principibus sacerdotum et magistratibus* (principais sacerdotes e magistrados; lat. *principes*, *ibis* - o que ocupa o primeiro lugar; *sacerdos*, *otis* - sacerdote; *magistratus*, *us*, - magistrado); mas, no original grego, aparece *arksiereysin kai strategois* (magistrados e chefes do exército; gr. *arkson*, *ontos* - magistrados, estratégia, *as* - chefe de um exército); o que quer dizer que Judas estava acompanhado de uma força armada pressupondo-se, então, que a expectativa era de haver reações.

(40) - v. nota (31)

(41) - v. A expressão Filho do homem serve para designar o Messias, conforme vemos, no Antigo Testamento, na citação do profeta e sábio Daniel (7:13), judeu exilado para a Babilônia, em 587 a.C., na corte do rei Nabucodonosor.

(42) - v. nota (30).

JOÃO:

Cap. 18, 2-8: E Judas, que traía (43), também conhecia aquele lugar, porque Jesus muitas vezes se ajuntava ali com os seus discípulos. Tendo pois Judas recebido a coorte (44) e oficiais dos principais sacerdotes e fariseus, veio para ali com lanternas, archotes (45) e armas. Sabendo pois Jesus todas essas coisas que sobre Ele haviam de vir, adiantou-se (46) e disse-lhes: A quem buscais? Responderam-Lhe: A Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou eu. E Judas, que o traía, estava também com eles. Quando pois lhes disse, recuaram, e caíram por terra. Tornou-lhes pois a perguntar: A quem buscais? E eles disseram: A Jesus Nazareno. E Jesus respondeu: Já vos disse que sou eu: se pois me buscais a mim, deixai ir estes. (47)

Cap. 18:12 - A coorte (48), o tribuno e os guardas dos judeus prenderam a Jesus e o ataram (49).

(43) - João omite os detalhes da traição, quando Judas procura os judeus.

(44) - A citação de uma coorte, que significa uma unidade tática de base da legião romana, com 600 homens representando 10% da legião é, naturalmente, um número bem expressivo para prender um homem. Mas esta citação implicaria a necessidade de reconhecer que os romanos participaram da prisão de Jesus e que, portanto, os líderes judeus teriam tido um encontro com os romanos para pedir auxílio de força policial para a esta prisão, encontro esse não descrito pelos evangelistas. Na Vulgata, aparece a palavra cohortem (lat. cohors, tis - coorte); mas no original grego aparece speiron (speira, as-armadura de mão), que não possui o sentido de coorte, mas de arma; em grego, coorte seria Lóxos, ou, subst. masc., ou tágma, atos - subst. neutro; em certos dicionários de grego há menção de que speira, no Novo Testamento, teria um sentido próprio, o que parece ser justificativa adaptada a uma teoria de interpretação para estes fatos. De qualquer forma, optamos por admitir que a palavra correta não indicou a presença de romanos nesta prisão e, mesmo que no futuro fosse demonstrado o contrário, isto é, que os romanos também participaram deste ato, em verdade isto em nada alteraria a seqüência do acontecimento, ou o sentido da história, servindo apenas como mais um indício de que houve um acordo secreto entre romanos e líderes judeus para prisão e morte de Jesus.

(45) - v. nota (30). Porém, João apresenta também lanternas e archotes, o que indica que o fato tenha se passado à noite, detalhe que não contradiz os sinóticos.

(46) - O único evangelista que atribui a Jesus a iniciativa para ser identificado, sem mencionar o beijo de Judas, parecendo que João quer preservá-lo, pois ele também não anotou o preço da traição, como já vimos.

(47) - Outra demonstração da grandeza de Jesus porque muito comum entregar os companheiros, quando as pessoas estejam em situação difícil ou para serem incriminadas.

(48) - v. nota (44)

(49) - Detalhe que informa como Jesus foi tratado...

COMENTÁRIOS

De trechos vistos, extraímos três detalhes importantes sobre a traição e prisão de Jesus; a) Judas procurou a cúpula judaica para informar onde estava Jesus; b) a prisão realizou-se à noite; c) para cumprir o mandato de prisão os líderes judeus, que estiveram também presentes, contaram com a participação de força policial, que O manteve atado, como se fora um criminoso comum.

O JULGAMENTO DE JESUS PELOS JUDEUS PERANTE O SINÉDRIO (50), DIANTE DE CAIFÁS, E ANÁS

MATEUS:

Cap. 26:57-67 - E, os que prenderam a Jesus, o conduziram à casa do sumo sacerdote Caifás, onde os escribas e os anciãos estavam reunidos. E Pedro o seguiu de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, entrando, assentou-se entre os criados, para ver o fim (51). Ora os príncipes dos sacerdotes, e os anciãos, e todo o conselho, buscavam falso testemunho (52) contra Jesus, para poderem dar-Lhe a morte. E não o achavam, apesar de se apresentarem muitas falsas testemunhas (53); mas por fim chegaram duas (54). E disseram: Este disse: Eu posso derribar o templo de Deus, e reedificá-lo em três dias (55). E, levantando-se o sumo sacerdote disse-Lhe: Não respondes coisa alguma ao que estes depõem, contra Ti? E Jesus, porém, guardava silêncio. E, insistindo o sumo sacerdote, disse-Lhe: Conjuro-Te pelo Deus vivo que nos digas se Tu és o Cristo, o Filho de Deus (56). Tu o dissestes; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou os seus vestidos (57), dizendo: Blasfemou (58); para que precisamos ainda de testemunhas? Eis que bem ouvistes agora a sua blasfêmia (59). Que vos parece? E eles responderam: É réu de morte (60). Então cuspiram-lhe no rosto e lhe davam punhadas, e outros o esbofeteavam (61).

(50) - Sinédrio, Sanedrim, era o Conselho nacional, ou local, entre os judeus, dotados de autoridade para julgar questões religiosas ou civis. O Sinédrio nacional, ou Grande Conselho dos judeus, se achava em Jerusalém, comumente no Templo mas, às vezes, também na casa do sumo sacerdote que, em geral, o presidia. Compunha-se de 72 membros, representando os sacerdotes, escribas e anciãos. Os 24 sacerdotes representavam as 24 classes sacerdotais. A assembléia se dispunha em semicírculo, com o presidente ao centro, e todos voltados ao santuário como a lembrar que a justiça devia ser observada. Os romanos reconheciam os decretos do Sinédrio, mas a pena de morte, no tempo de Jesus, estava reservada à autoridade romana (Jo, 18:31), apesar de, posteriormente, o próprio Sinédrio ter executado penas capitais; alguns estudiosos acreditam que sua constituição tenha se dado com base no Conselho dos Setenta de Moisés (Num., 2:16). Sobre a dúvida de ter ou não ocorrido um julgamento de Jesus perante os judeus, v. COMENTÁRIOS, logo abaixo.

(51) - Pedro seria então uma testemunha ocular deste julgamento. O detalhe é importante, principalmente com relação ao evangelista Marcos, que teve apoio na autoridade de Pedro para escrever o seu relato do Evangelho.

(52) e (53) - Naturalmente, a busca de testemunho falso, isto é, de informações inverídicas, teria como consequência eivar de ilegalidade a fase instrutória e, por conseguinte, o próprio julgamento; falsas testemunhas são pessoas que dizem assumir uma condição que em verdade não têm, o que difere ligeiramente do falso testemunho precedente, onde a falsidade

não está na pessoa mas no fato. De qualquer maneira, estes detalhes serviriam para anular o julgamento pela falsidade testemunhal, com a agravante de, em se tratando de um tribunal judeu, seria uma transgressão ao preceito do Decálogo, que proíbe o falso testemunho (Ex., 20:16). Em função do desenrolar do julgamento, porém, constata-se que isto também não tinha nenhum peso ou relevância para a condenação no tribunal religioso, que em verdade já estava decidida.

(54) - A referência a duas testemunhas provavelmente está relacionada à exigência da Lei Judaica, que determina que, para a condenação capital de alguém, tem que haver o depoimento de pelo menos duas testemunhas (Deuteronômio, 17:6,19:15).

(55) - Em verdade, tal acusação não pode ser considerada um falso testemunho, isto é, uma afirmação falsa, haja vista Jesus ter realmente pronunciado essas palavras (Jo, 2:19).

(56) - Na Vulgata aparece *Christus filius Dei* (Cristo filho de Deus); no original grego aparece *Cristós ho yíós tou Teou* (Cristo o filho de Deus). A palavra Cristo, que significa "ungido", é a tradução grega da palavra hebraica *mashiah*, que se refere ao rei que havia de vir. Portanto, Cristo quer dizer o Messias, conforme encontramos em João, 1:41.

(57) - A citação de rasgar as vestes é uma norma da lei judaica que, ao ouvir profanado o nome do Senhor, "a corte e as testemunhas", devem rasgar suas vestes; na descrição dos evangelistas, o sumo sacerdote que o fez, não significando com isso, necessariamente, que "só ele" o tenha feito; isto para rebater uma das observações feita por alguns estudiosos preciosistas, que tentam negar o julgamento de Jesus perante o Sinédrio...

(58), (59) e (60) - Aqui estaria a fundamentação da condenação de Jesus no tribunal religioso, que seria sua "confissão e blasfêmia" de ter-se admitido o Messias. Na Vulgata, *blasphemavit* (blasfemou; lat. *blasphemare*), no grego *eblasfemesen* (blasfemou; gr *blasfeméo*). Em verdade, na descrição de Mateus, não consta que Jesus tenha falado que Ele era o Messias, mas disse que o sumo sacerdote é que estava dizendo aquilo. Aqui é importante esclarecer que a Lei Judaica distinguia entre "Blasfemar o nome" de Deus e apenas blasfemar, sem dizer o nome, ou só amaldiçoar, estando previstas diferentes penalidades para estes atos. Admitindo-se que Jesus se tenha reconhecido o *Mashiah*, conforme está somente na descrição de Marcos (14:62), evidente que admitir-se o Messias não é blasfemar o "nome de Deus", que pressupõe uma frase direta, objetiva, "contra o nome de". Assim, o fundamento da decisão, neste tribunal religioso judaico, foi ilegal, porque a resposta de Jesus não foi blasfematória. Com relação à natureza da pena sentenciada (pena de morte), interessante observar que, apesar de ela ter sido abolida pelo preceito do Decálogo (Ex., 20:5), passou a ser permitida em alguns casos, pelas "Leis complementares" (Civis) posteriores, as quais, portanto, contrariavam a Lei Geral (Divina). Assim, no Êxodo (22:18 e ss), ela era prescrita para os que usavam de encantamentos, que sacrificavam outros deuses etc. e, com relação à blasfêmia, para merecer a pena de morte, necessário que o acusado blasfemasse o "nome de Deus", que, como vimos é diferente de só "blasfemar sem dizer o nome, ou só amaldiçoar", que eram puníveis com pedradas!!!... (Levítico, 24:15-17). Daí, provavelmente, porque o sumo sacerdote enfatizou, no interrogatório, a referência a Deus, tentando induzir uma resposta blasfematória ao "nome de Deus", o que, em momento algum, Jesus o fez...

(61) - Este tratamento recebido por Jesus foi criminoso, sem o menor fundamento, porque Ele era apenas um suspeito, nem sequer tinha sido definitivamente julgado, concluindo-se, pois, que houve excesso de poderes.

MARCOS:

Cap. 14:53-65 - E levaram Jesus ao sumo sacerdote, e ajuntaram-se todos os principais dos sacerdotes, e os anciãos e os escribas. E Pedro o seguiu de longe até dentro do pátio do sumo sacerdote, e estava assentado com os servidores, aquecendo-se ao lume (62). E os principais dos sacerdotes e todo o concílio buscavam algum testemunho contra Jesus, para o matar, e não o achavam. Porque muitos testificavam falsamente (63) contra Ele, mas os testemunhos não eram conformes. E, levantando-se alguns, testificavam falsamente contra Ele, dizendo: Nós ouvimos-Lhe dizer: Eu derribarei este templo, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens (64). E nem assim o seu testemunho era conforme. E, levantando-se o sumo sacerdote no sínédrio, perguntou a Jesus, dizendo: Nada respondes? Que testificavam contra Ti? Mas Ele calou-se, e nada respondeu. O sumo sacerdote tornou a perguntar, e disse-Lhe: És Tu o Cristo, Filho de Deus Bendito? E Jesus disse-lhe: Eu o sou (65), e vereis o Filho do Homem assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu (66). E o sumo sacerdote, rasgando os seus vestidos, disse: Para que necessitamos de mais testemunhas? Vós ouvistes a blasfêmia (67): que vos parece? E todos o consideraram culpado de morte (68). Alguns começaram a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto, a esbofeteá-lo e a dizer: Faz uma profecia! E os servidores pegaram-no a tapas. (69)

(62) - Na Vulgata, *ad ignem* (junto ao fogo; lat. *ignis*, *is -acus. ignem*); no original grego, aparece *prós tó fós*, (ao lado da luz; gr. *fotós*, luz); esta citação indica que o julgamento também tenha ocorrido à noite, fato que não contradiz os outros evangelistas; não se desconsidera também o sentido espiritual da "invigilância", que tem este detalhe, representando a falta de discernimento para identificar as coisas, pela falta da "luz".

(63) - v. notas (52) e (53).

(64) - v. nota (55).

(65) - Neste relato, pois, Jesus admite-se o Messias, pois bem sabia que o era, apesar de estar provado que Ele não alardeava esta condição.

(66) - A referência ao Filho do homem, que vinha sobre as nuvens, é a expressão exata utilizada pelo já citado profeta Daniel (7:13) sobre o Messias, mas aqui também Jesus não afirmou que era Ele mesmo.

(67) e (68) - v. notas (58), (59) e (60).

(69) - v. nota (61).

LUCAS:

Cap. 22:66-71 - E logo que foi dia (70) ajuntaram-se os anciãos do povo, e os principais dos sacerdotes e os escribas, e o conduziram ao seu concílio. E Lhe perguntaram: És tu o Cristo (71)? dize-no-lo. Ele replicou: Se vo-lo disser, não o creereis. E também, se vos perguntar, não me respondereis, nem me soltareis. Desde agora o Filho do homem (72) se assentará à direita do poder de Deus. E disseram todos: Logo, és Tu o Filho de Deus? E Ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou (73). Então disseram: De que mais testemunho necessitamos? pois nós mesmos o ouvimos da sua boca (74)...

(70) - A citação da palavra *dia* poderia dar a idéia de ser pela manhã, o que contraria a conclusão que tiramos em Marcos (v. nota 58), de que o julgamento tenha sido à noite. Porém, pode-se argumentar que, no original grego, a palavra que aparece é *éméra* (gr. *dia*), que tem o sentido também de duração de tempo, de um dia, possibilitando entender que o julgamento poderia ter sido à noite, depois de "um dia"; além do que, de qualquer forma, implicaria

concluir que Jesus teria passado pelo menos mais uma noite preso, ou até mais um dia, sob custódia dos judeus, fato que não contradiz, em última análise, os outros evangelistas. Esta prisão seria ilegal porque não se encontram, nas leis mosaicas, fundamentos para prender um homem pelo tipo de crime que Lhe imputavam.

(71) - v. nota (56).

(72) - v. nota (66).

(73) e (74) - v. notas (58), (59) e (60).

JOÃO:

Cap. 18:12-28 - E conduziram-No primeiramente a Anás (75), por ser sogro de Caifás, que era o sumo sacerdote daquele ano (76). Ora, Caifás era que tinha aconselhado aos judeus que convinha que um homem morresse pelo povo (77). ...E o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina (78). Jesus lhe respondeu: Eu falei abertamente ao mundo; eu sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se ajuntam, e nada disse em oculto. Para que me perguntas a mim? pergunta aos que ouviram o que é que lhes ensinei; eis que eles sabem o que eu lhes tenho dito. ...Anás mandou-O manietado (79), ao sumo sacerdote Caifás... Depois levaram Jesus da casa de Caifás para audiência (no pretório) (80).

(75) - Este é um detalhe novo, não mencionado pelos outros evangelistas, de que Jesus foi submetido a uma audiência ou prévio interrogatório perante Anás.

(76) - Apesar de João o intitular o sumo sacerdote, em verdade ele não o era pois este ofício ele exerceu de 6 a 15 d.C.; provavelmente, ele ainda assim era chamado por costume, como é comum acontecer com as pessoas que continuam a ser chamadas pelo título que já tiveram, sabendo-se também que ele exerceu muita influência sobre o seu genro Caifás.

(77) e (78) - Parece que Jesus, nesta audiência, é tratado com parcimônia, sem idéias preconcebidas, pois Anás fez um interrogatório doutrinário, não havendo menção de falsidade de testemunhos ou testemunhas; no mesmo sentido, a informação anterior, enfatizada por João, de que Caifás era quem tinha aconselhado aos judeus que convinha que um homem morresse pelo povo, parecendo querer o evangelista, com este detalhe, amenizar a situação para Anás.

(79) - v. nota (75). Mais um detalhe que informa o quanto as criaturas estavam distantes de compreender a dimensão de Jesus.

(80) - A descrição sugere que Jesus não tenha sido incriminado por Anás, que remeteu-O a seu genro. Além do que, se Jesus foi levado para a audiência no pretório, demonstra que o sinédrio não podia executar a sentença capital, necessitando de um outro julgamento perante as autoridades romanas. Isto se demonstra, em João, 18:31, onde os judeus disseram a Pilatos que não lhes era lícito matar pessoa alguma. Questão ainda discutida pelos estudiosos é se das decisões do sinédrio caberia recurso para as autoridades romanas...

COMENTÁRIOS

Importante comentar que são muitos os que rejeitam a idéia de que tenha havido um julgamento de Jesus perante os judeus, sustentando, por exemplo, que Sua presença no Sinédrio foi apenas um inquérito preliminar, numa reunião de cunho administrativo, haja vista o grande número de irregularidades e ilegalidades para que tivesse sido um julgamento, conforme estabelece a Mishná (comentários rabínicos da Torá), citando, por exemplo: não se

permitia ao Sinédrio julgar ilícitos penais à noite, tendo eles que começar e acabar de dia; nenhuma pessoa podia ser julgada por uma acusação em dias festivos; para julgar ilícitos penais, o Sinédrio, nacional ou local, não poderia reunir-se fora do Templo, quanto mais numa residência particular (Deuter. 17:8-10); nenhuma pessoa podia ser considerada culpada por sua própria confissão. Porém, pela descrição dos evangelistas, dificilmente pode-se deixar de reconhecer que houve realmente um julgamento, e a dificuldade está em pretender que as narrações dos evangelistas tivessem a obrigação de atender todas as dúvidas históricas ou formalidades processuais, o que não é o caso, como foi comentado no início. Além do que, julgamento ilegal é bem diferente de julgamento inexistente. Como é óbvio, o fato de existirem dúvidas não é motivo para rejeitar as fontes disponíveis.

Então, dos trechos vistos, extraímos seis importantes detalhes: a) Jesus foi efetivamente submetido a um julgamento pelos judeus, perante o Sinédrio, diante de Caifás, que o condenou oficialmente (já estava previamente condenado), sendo também interrogado previamente por Anás, perante quem não há menção de Ele ter sido incriminado; b) Ele foi acusado de admitir-se O Messias; c) o julgamento no Sinédrio foi à noite; d) Jesus foi preso ilegalmente pelos judeus pois, pela Lei Judaica, não havia fundamento para isso; e) apresentaram-se falsas testemunhas (mais de duas) e falsos testemunhos de acusação no julgamento, o que seria uma violação ao oitavo preceito do Decálogo, tornando ilegal o julgamento; f) a sentença condenatória foi ilegal porque, em momento algum, Jesus blasfemou o "nome de Deus", e, portanto, não havia fundamento para pena de morte que, apesar de abolida pelo Decálogo (Lei Divina), era permitida pela Lei Complementar (Lei Civil); g) houve ilegalidade e excesso de poderes dos judeus quando agrediram fisicamente a Jesus, pois estas atitudes não eram permitidas pela Lei Judaica, que, se proibia falso testemunho, o que não dizer das agressões físicas gratuitas para alguém que, no máximo, era apenas um suspeito, que ainda seria submetido ao julgamento definitivo.

-//-

70 Anos da Mediunidade de Chico Xavier

A União Espírita Mineira realizou na sua Sede, em Belo Horizonte, às 20 horas do dia 8 de julho deste ano, uma reunião comemorativa dos 70 anos do exercício da mediunidade de Francisco Cândido Xavier.

Na abertura, houve apresentação de três números musicais, pelo coral Pedro Helvécio, da União Espírita Mineira. A composição da mesa contou com os companheiros Honório Abreu, José Carlos Monteiro de Moura, Da. Maria Philomena Aluotto Berutto, Pedro Valente da Cunha, José Martins Peralva Sobrinho, Juvanir Borges de Souza e sua esposa Da. Yola Carvalho Borges de Souza. Compareceram também à solenidade representantes de outros Estados - São Paulo, Rio de Janeiro e Sergipe. Jarbas Leone Varanda, do Conselho Regional Espírita de Uberaba, levou a todos o abraço de Francisco Cândido Xavier. A prece inicial foi proferida por Martins Peralva.

O Presidente da UEM, Pedro Valente da Cunha, justificou as razões do encontro e fez a apresentação do orador da noite, Juvanir Borges de Souza, Presidente da Federação Espírita Brasileira, que discorreu sobre a vida e a obra de Chico Xavier. A prece de encerramento foi proferida por Moacyr Petrone, Presidente da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

O salão da UEM estava superlotado, transcorrendo a festa espiritual em ambiente de muita emoção e fraternidade.

-//-

SEARA ESPÍRITA - FATOS EM NOTÍCIA

ESPÍRITO SANTO: CONGRESSO ESPÍRITA

A Federação Espírita do Estado do Espírito Santo promoverá nas dependências do SESC, em Guarapari, de 31 de outubro a 2 de novembro deste ano, o III Congresso Espírita do Estado do Espírito Santo, cujo tema central - "Espiritismo e Saúde" -, desdobrado nos subtemas "Novos paradigmas para a Medicina", "Sexualidade e viciações", "Saúde mental" e "O homem sadio", que serão abordados pelos conferencistas Marlene Rossi Severino Nobre, Jorge Andréa dos Santos, Umberto Ferreira e Divaldo Pereira Franco.

-//-

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL

O Conselho Espírita Internacional (CEI) realizará em Paris (França), no período de 2 a 5 de outubro próximo, sua 4ª Reunião Ordinária, cabendo a presidência dos trabalhos à representação dos Estados Unidos. O tema a ser analisado será: "Formação de Recursos Humanos para as Atividades Espíritas". A Union Spirite Française et Francophone, anfitriã da Reunião, está remetendo correspondência às Instituições Espíritas dos países que integram o CEI com informações sobre o local do evento e as condições de hospedagem.

O CEI promoverá o 2º Congresso Espírita Mundial em Lisboa, no próximo ano. A Federação Espírita Portuguesa, organizadora do mesmo, comunica que o período da realização do Congresso foi mudado para 30 de setembro, 1, 2 e 3 de outubro de 1998.

-//-

MACAÉ (RJ): SEMANA ESPÍRITA ABORDA EDUCAÇÃO

O Movimento Espírita preocupa-se com a Educação à luz do Espiritismo, como se pode verificar na programação de vários congressos, seminários e outros eventos, em todo o País. Exemplo disso foi a temática da 58ª Semana Espírita Macaense - "Espiritismo - Proposta de Educação"- promovida pela União Espírita de Macaé, de 13 a 19 de julho passado, com o apoio da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ). A Vice-Presidente da FEB, Cecília Rocha, abordou o assunto "Em busca da qualidade na Evangelização", que foi um dos dez temas expostos na Semana Espírita.

-//-

ALAGOAS: IV FLOREAL

"Espiritismo na Era Moderna: Nos Meios de Comunicação, na Ciência e no Intercâmbio Mediúnico" é o tema central do IV FLOREAL - Fórum de Debates Espíritas de Alagoas - a realizar-se no período de 2 a 5 de outubro, com o propósito de refletir e discutir com a sociedade alagoana acerca da influência dos princípios espíritas nos diversos setores da vida humana. O Fórum terá como público-alvo pessoas ligadas às áreas da Medicina, Psicologia, Direito, Economia, Sociologia, Comunicação Social e outras afins.

-//-

VITÓRIA DA CONQUISTA (BA): 44ª SEMANA ESPÍRITA

A União Espírita de Vitória da Conquista realizará sua 44ª Semana Espírita, no período de 7 a 14 de setembro corrente, com a abordagem do tema "Evolução e Espiritualidade", dividido em dezoito subtemas, através de conferências, cursos, painés e seminários. Serão expositores: Divaldo Pereira Franco (BA), José Alberto Medrado (BA), Ary Teixeira Quadros (BA), Anete Guimarães (RJ), Eduardo Guimarães (RJ), Ana e Geraldo Guimarães (RJ), Alberto Ribeiro de Almeida (PA), Jacob Melo (RN) e Adenaur Marco Ferraz de Novaes (BA).

-//-

R. G. SUL: I FÓRUM "O ESPIRITISMO E A COMUNICAÇÃO"

Realizou a Federação Espírita do Rio Grande do Sul o I Fórum "O Espiritismo e a Comunicação" em 16 de agosto passado, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, com a abordagem dos temas: "O Espiritismo e a Comunicação Social", "O papel dos comunicadores na divulgação do Espiritismo", "Orientação Estratégica para a apresentação de Pesquisa", "Planejamento e Campanha de Divulgação da Doutrina", "Relato de um 'case' - Elaboração de um programa de rádio" e "Divulgação do Espiritismo no Mundo". Foram expositores: Altivo Ferreira (SP), Amir Domingues (RS), Gerson Simões Monteiro (RJ), Gil de Kurts (RS), Jason de Camargo (RS), Jorge Alberto Mendes (RS), Kado Bottega (RS) e Nestor João Masotti (DF).

-//-

PARANÁ: SIMPÓSIO DE ESPIRITISMO

A Federação Espírita do Paraná promoveu, de 8 a 10 de agosto, o III Simpósio Paranaense de Espiritismo, dedicado aos 140 anos de "O Livro dos Espíritos" e aos 95 anos de sua fundação. O Simpósio ocorreu no Colégio Lins de Vasconcellos, sendo abordado o tema central - "O Livro dos Espíritos: há 140 anos iluminando corações e mentes" - em uma série de conferências espíritas pelos expositores Divaldo Pereira Franco, Ney Lobo e José Raul Teixeira.

-//-

URUGUAI: FEDERAÇÃO ESPÍRITA DIVULGA O ESPIRITISMO

A Federação Espírita do Uruguai, membro do Conselho Espírita Internacional, vem intensificando o estudo e a difusão da Doutrina Espírita em todo o território nacional, o que tem garantido ao Movimento de Unificação do Espiritismo um aumento crescente do intercâmbio entre as Instituições Espíritas. Sua nova Diretoria tem na Presidência o confrade Julio C. Cecchi.

-//-